



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**O IDEAL DE CAVALEIRO NO LIVRO DA ORDEM DE
CAVALARIA (1279-1283)**

Acadêmico: Marcos Breno Andrade Leal

Prof. Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Alvaro

SÃO CRISTOVÃO

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**O IDEAL DE CAVALEIRO NO LIVRO DA ORDEM DE
CAVALARIA (1279-1283)**

Acadêmico: Marcos Breno Andrade Leal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

SÃO CRISTOVÃO

2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que forneceram todo apoio nesta nova jornada de minha vida, pela confiança em me deixarem trilhar sozinho um mundo desconhecido, mesmo passando por vários momentos de saudade e dificuldade.

A todas as pessoas que dividiram espaço comigo pelas repúblicas, aos meus colegas do curso de história, além das amizades que fiz durante o tempo da graduação, em especial a Matheus, grande amigo que me apoiou em vários momentos de necessidade, José Antônio pelas caronas e a Coca-Cola durante os papos no intervalo das aulas e a Nilton, meu parceiro de estágio que me ajudou bastante e passou dicas no processo de lecionar nas aulas.

Ao meu orientador, Bruno Gonçalves Alvaro, pela paciência para o desenvolvimento de um tema para este trabalho de conclusão de curso, além das oportunidades oferecidas, como as monitorias em História Medieval I e II, graças a elas me tornei uma pessoa mais responsável, além de aprender semanalmente o complicado ofício de ser professor.

A Sandra, por todos os momentos de incentivo a produção de minha monografia, pela paciência em meus momentos de preguiça, além da ajuda na revisão e correção deste trabalho.

RESUMO

A obra de Ramon Llull, *O Livro da ordem da cavalaria*, redigida no século XIII, tenta retomar os conceitos, valores, ideias e virtudes da cavalaria cristã, diante de uma instituição que se havia perdido os princípios da caridade, justiça e lealdade no mundo. Através de uma didática educacional fundamentada na Arte Luliana, Ramon tenta estabelecer o comportamento e valores de um ideal cavaleiro que deseja se juntar a cavalaria e assim reconstruir a lealdade e manutenção da sua Ordem. O objetivo deste trabalho é apresentar qual é, e como se deu a construção do ideal de cavaleiro apresentado por Llull, sob a influência de sua Arte e a formação da Cristandade.

PALAVRAS-CHAVE: CAVALARIA, IDEAL, VALORES

ABSTRACT

The work of Ramon Llull, titled "*The Book of Order of Cavalry*", written in the XIII century, attempts to resume the concepts, values, ideas and virtues of the christian cavalry, before an institution that had lost the principles of charity, justice and fairness in the world. With an educational didactic, based on the Luliana art, Ramon attempts to establish the behavior and values of an ideal knight who wishes to join the cavalry and , thus, reconstruct the loyalty and maintain its order. The goal of this paper is to present what is, and how was the construction of the ideal knight established by Llull, under the influence of his art and the formation of Christianity.

KEY WORDS: CAVALRY, IDEAL, VALUES.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 01 |
| CAPÍTULO 1 - RAMON LLULL E A INFLUÊNCIA DE SUA ARTE NA CONSTRUÇÃO DO IDEAL DE CAVALEIRO FRENTE À FORMAÇÃO DA CRISTANDADE NO SÉCULO XIII | 03 |
| 1.1. Sobre o autor | 04 |
| 1.2. A arte Luliana | 08 |
| 1.3. Contexto histórico: A formação da Cristandade | 12 |
| 1.4. A cavalaria e a produção do ideal de cavaleiro | 20 |
| 1.5. O livro da Ordem da Cavalaria | 27 |
| CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA CAVALARIA NA HISTORIOGRAFIA OCIDENTAL..... | 29 |
| CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DO IDEAL CAVALEIRO NO LIVRO DA ORDEM DA CAVALARIA | 36 |
| 3.1. O ideal de cavaleiro no livro da ordem da cavalaria | 36 |
| 3.2. A contextualização para a construção de um bom guerreiro..... | 46 |
| 3.3. O estabelecimento do ideal de cavaleiro por Llull e Claraval | 53 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 60 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 63 |

INTRODUÇÃO

O cavaleiro foi um elemento característico da sociedade e cultura da Idade Média. Segundo o dicionário da Idade Média, o cavaleiro combinava as funções de ginete, armado com a lança e espada, e as de servidor. Apesar de inicialmente o sentido deste guerreiro estar voltado para as tropas montadas dos bárbaros e na *équites romanas*, é nos séculos IX e X, graças às práticas medievais mais antigas de vassalagem e recomendação, que se foram ampliadas as definições de cavaleiro ao incluir o serviço militar e a doação de terras pelo senhor. As inovações da época em equipamento de montar e em armaduras serviram para ampliar a prestação de serviço a cavalo, produzindo o guerreiro especialista montado ou cavaleiro. As imagens usuais da cavalaria foram gradualmente obscurecidas pelas implicações financeiras e políticas da posse da terra por cavaleiros e da manutenção de armas, o que levou cada vez mais à identificação do cavaleiro com as classes superiores.

Diante de tal obscurecimento dos ideais cavaleiresco, a obra de Ramon Llull *O livro da ordem da cavalaria*, publicada no século XIII, tenta retomar os conceitos, valores, ideias e virtudes da cavalaria cristã, diante de uma instituição que se havia perdido: “caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo” e que “começou inimizade, injúria, falsidade”¹. Através de uma didática educacional, Llull tenta estabelecer o comportamento e valores de um ideal cavaleiro que deseja se juntar a cavalaria e assim reconstruir a lealdade e manutenção da sua Ordem.

Para Llull, o verdadeiro guerreiro era aquele escolhido entre mil soldados para exercer o ofício na cavalaria. Ser cavaleiro significava possuir coragem e virtudes desempenhadas ao longo de seu trabalho e sempre valorizando a honra da cavalaria. Este indivíduo deveria ser amigo das virtudes e inimigo dos vícios, sendo que o primeiro dom que ele deveria possuir era a honra. Seus principais ofícios eram de manter e defender a santa fé católica, o senhor terreno e manter terras, viúvas, órfãos e homens despossuídos.

A obra de Ramon é uma importante fonte histórica para tentar compreender o contexto histórico que a cavalaria se insere no final do século XIII. Diante de uma

¹ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. P.13.

aproximação com a nobreza, o não cumprimento das missões de erradicar os infiéis nas Cruzadas, além de muitos cavaleiros participarem de torneios e exércitos de mercenários, ocasionando em tentativas da Igreja em controlar a instituição cavaleiresca com o objetivo de defender seus ideais e, principalmente de defender a si própria.

Os eclesiásticos possuíam duas ideologias básicas sobre a cavalaria. A primeira pretendia a integração da cavalaria na instituição eclesiástica; um dos seguidores de tal ideologia foi São Bernado de Claraval (1090-1154) que acreditava que o cavaleiro, durante as batalhas do Senhor, não deveria temer em pecar ao se por em perigo de morte e por matar o inimigo. Ao contrário de Claraval, Ramon Llull seguia a corrente ideológica de que a Igreja controlava a cavalaria por meio da ética, atribuindo objetivos e normas de comportamento. Além disso, Llull desejava empreender uma reforma na sociedade baseada na religião cristã, e para isso, seria necessário o uso das armas. Ele não defendia uma conversão pela força e pela coerção, pois Deus desejava que seus fiéis viessem a Ele por vontade própria.

É através da obra de Ramon Llull que podemos nos perguntar: qual o ideal de cavaleiro produzido na obra *O livro da ordem de Cavalaria*? O que ela significou na época? Qual seu contexto histórico? E que implicações levaram ao discurso eclesiástico? As respostas para essas perguntas podem ser explicadas ao longo dos três capítulos desenvolvidos por esse trabalho. No primeiro, *Ramon Llull e a influência de sua arte na construção do ideal de cavaleiro frente à formação da cristandade no século XIII*, será discutido a história de Ramon Llull, a formação de seu pensamento mediante o contexto vivido por ele, além de traçar a história da cavalaria, a influência deste tema para outros pensadores e as motivações que levaram Llull a construir o livro discutido neste trabalho. No segundo capítulo, *A construção da cavalaria na historiografia Ocidental* será crucial para compreender a densidade do estudo da cavalaria realizada por inúmeros historiadores e como os seus pensamentos se tornaram vitais para o estudo do mundo dos cavaleiros e por fim, terceiro e último capítulo, *A construção do ideal cavaleiro no livro da ordem da cavalaria*, irá fazer uma análise mais detalhada da obra de Ramon, correlacionando com o contexto histórico vivido por esses cavaleiros ao longo do século X ao XIV, além de confrontar o pensamento de Llull com o Bernardo de Claraval, que foi outro importante pensador que contribuiu para a formação de um novo ideal de cavaleiro.

CAPÍTULO 1

RAMON LLULL E A INFLUÊNCIA DE SUA ARTE NA CONSTRUÇÃO DO IDEAL DE CAVALEIRO FRENTE À FORMAÇÃO DA CRISTANDADE NO SÉCULO XIII

O monge e filósofo Ramon Llull, que foi conhecido como o grande imaginativo (*phantasticus*) e, mesmo, um iluminado (*Doctor illuminatus*) foi uma das grandes personalidades que contribuíram para a vasta produção escolástica do século XIII. A sua fama se deu através do seu pensamento ser constituído por uma revelação divina e que se esforçava em propagar um método apologético de sua invenção através da chamada “Arte Luliana”, que visava principalmente à conversão dos infiéis.

Llull escreveu cerca de trezentas obras que variavam desde a ciência, educação da nobreza, crianças e da cavalaria, além de outros temas que buscavam sistematizar a sua arte. O objetivo deste primeiro capítulo é apresentar alguns traços históricos de sua vida e como essas passagens foram essenciais para desenvolver toda a complexidade da “Arte Luliana”, que tentava unificar todo o pensamento da cultura medieval através de um instrumento investigativo da verdade dos seres vivos a partir da verdade de Deus.

A construção do pensamento de Ramon Llull pode ser compreendida através do contexto histórico vivenciado por ele. Este período será caracterizado, principalmente, pela formação da Cristandade que teve o seu auge no século XIII. Os fenômenos desenvolvidos graças a esta fase histórica resultarão na expansão dos aspectos político, econômico, religioso, social, intelectual, e entre outros, na sociedade medieval.

É através da influência da Cristandade que Llull vai desenvolver o livro estudado neste trabalho, *O livro da Ordem da Cavalaria*, no entanto, cabe inicialmente analisar qual a origem, as características e funcionalidades da cavalaria ao longo da Idade Média, e que vai ser trabalhada mais tarde por Ramon no século XIII. Além disso, a construção do seu ideal remete a necessidade de compreender-se como se deu a propagação do Ideal cavaleiresco na sociedade medieval e como o impacto do pensamento de “ideal tipo” trouxe para a formação metodológica de pensadores contemporâneos como o Max Weber.

A partir da análise da cavalaria e do tipo ideal que se finaliza este capítulo abordando alguns aspectos constituidores da formação da obra estudada neste trabalho, como a sua divisão, tempo de produção e reproduções feitas desde a sua publicação.

1.1- Sobre o autor

Ramon Llull foi um monge e filósofo, cujo pensamento marcou a produção escolástica do século XIII. Ele é conhecido por muitos como o grande imaginativo (*phantasticus*) e, mesmo, um iluminado (*Doctor illuminatus*) diante de sua arte constituída por uma revelação divina e que se esforça em propagar um método apologético de sua invenção, no intuito de que haja a conversão dos infiéis.

O que se tem produzido a respeito de sua vida é descrito por ele próprio através de sua autobiografia *Vida Coetânea*, onde o Llull conta a sua história para os monges cartuxos de Vaultvert em 1311. “Vaultvert era um dos três depósitos de livros criados por Llull em vida, com o objetivo de transmitir sua obra às futuras gerações.”² Existem duas versões de sua autobiografia: a versão castelhana e a versão em latim. As traduções em português utilizadas para esse trabalho foram feitas por Luísa Costa Gomes, que toma base a versão castelhana e a latim para tirar dúvidas, e a de Ricardo da Costa. Este último utiliza a versão em catalão, traduzida do original escrito em latim no século XV entre Paris e Vienne, no Delphinado. Costa esclarece que a versão castelhana é considerada menos original que a latim, já que o documento apresenta um acréscimo e até mesmo uma amplificação de várias passagens que não constam no documento original. Para ele:

Esta tradução possui uma tendência apologética, pois seus acréscimos visam glorificar a imagem de Ramon Llull, além de ter um “tom” literário mais “pomposo” que o texto original. Por exemplo, o tradutor sempre se refere a Llull como “reverendo mestre”, título inexistente no original.³

Estima-se que Ramon Llull ou Raimundo Lúlio, tenha nascido por volta de 1232-1235 na cidade de Maiorca e tenha morrido em 1316. O seu pai foi um dos responsáveis

² Ramon Llull. *Vida Coetânea (1311)*. São Paulo: Instituto de Filosofia Raimundo Lúlio, 2000, p.04

³ Idem, *Ibidem*. p.04

pela conquista da ilha de Maiorca, no arquipélago das Baleares, no Mediterrâneo, ordenado pelo rei Jaime I, o Conquistador (1213-1276), cujas terras haviam sido dominadas por mulçumanos. Como recompensa pelo seu feito, a família de Llull obtém alguns territórios da ilha.⁴

Deste modo, a infância e juventude de Ramon vai se passar em torno da corte real. “Sua educação foi direcionada para a carreira das armas, fato que influenciou consideravelmente sua produção posterior, imprimindo ao seu estilo um tom elegante e gracioso, por vezes cerimonioso.”⁵ Segundo Llull, a sua vida era fútil e frívola, através da dedicação a “... arte de trovar e compor canções e ditados das loucuras deste mundo”⁶.

Em 1256, Ramon foi nomeado administrador da casa real do futuro Jaime II de Maiorca. Um ano depois, ele se casa com Blanca Picany e acaba tendo dois filhos, Domingos e Madalena. Para ele, esse momento de sua vida, antes da conversão, era constituído como um indivíduo pecador: “... apesar da ajuda que recebi dos anjos e das pregações dos religiosos (...) cheguei a ser o pior homem e o maior pecador de toda esta cidade e de todas as demais encontradas.”⁷. Este poderia ser um dos prováveis motivos que o autor dedica pouco espaço dessa fase de sua vida na biografia que ditou aos monges de Vauvert.

Ramon relata que durante a juventude passava o tempo compondo diversas cantilenas ou canções e outras leviandades do século. Em uma noite, enquanto escrevia uma cantiga para uma dama que amava, Llull olhou para o lado e viu a imagem de Jesus Cristo crucificado:

(...) mirando com insistência à parte direita viu Nosso Senhor Deus Jesus Cristo suspenso com os braços em cruz, muito dolorido e apaixonado. O qual visto, tendo grande temor em si mesmo, e, deixando todas aquelas coisas que tinha entre suas mãos, partiu, meteu-se em seu leito e cobriu-se.⁸

⁴ Em meados de 1232, a família de Llull possuía cerca de 159 hectares (SOTO apud COSTA, 1997, p.02)

⁵ COSTA, Ricardo da. “Apresentação”. In: RAMON LLULL. *O livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull), 2000, pag. XVI.

⁶ LLULL, Ramon. *Vida Coetânea (1311)*. São Paulo: Instituto de Filosofia Raimundo Lúlio, 2000, p.6

⁷ Idem, *Llibre de contemplació en Deus*. In: ORL, vol. II, p. 185.

⁸ Idem. *Vida Coetânea (1311)*. São Paulo: Instituto de Filosofia Raimundo Lúlio, 2000, p.6

As visões persistiram mais QUATRO vezes em diversos dias, sendo que na QUINTA vez, Ramon interrogou-se o motivo dessas aparições repentinas e creditou que: “Nosso Senhor Deus Jesus Cristo não desejava outra coisa senão que, deixasse o mundo e totalmente se doasse à sua servidão.”⁹, mas que ao mesmo tempo “arguiu a si mesmo ser indigno de servi-lo, dada a vida que até aquele dia havia podido realizar.”¹⁰.

Depois de inúmeras reflexões, Llull percebeu que para agradar Deus, deveria dar a sua própria vida, sua alma e sua honra para Ele, através de sua conversão, em 1263, que seria acompanhada por três desejos: “de colocar a sua vida para a honra de Jesus Cristo, de fazer os livros acima ditos, e de fazer construir e edificar diversos mosteiros”¹¹.

Através da inspiração divina, Ramon afirmou que “havia de fazer um livro, o melhor livro do mundo, contra os erros dos Infiéis”¹², afim de cumprir os seus desejos após a conversão. Mas como não sabia a língua árabe, Llull dedica cerca de 9 anos (1265-1274) estudando árabe com seu escravo, assim como filosofia, latim e teologia.

Para se dedicar a vida religiosa por completo, Ramon vende todos os seus bens, reservando um pouco para o sustento de sua mulher e filhos e por fim, abandonou-os¹³. E assim decide ir “ao grande Estudo de Paris, para aqui aprender gramática e outras ciências, mediante as quais, e com a ajuda do Senhor, pudesse dar conclusão ao seu santo propósito.”¹⁴

Quando regressou para a cidade de Maiorca, Ramon comprou um escravo que haveria de ensiná-lo a língua árabe. O seu escravo tenta mata-lo, após ter recebido uma bofetada ao falar uma blasfêmia, e quando estava preso, o mouro se enforca antes mesmo do julgamento. Ao descobrir o suicídio, Llull se reclusa na montanha, perto de sua casa, para contemplar Deus com mais sossego. Será durante os oito dias de reclusão

⁹ LLULL, Ramon. *Vida Coetânea (1311)*. São Paulo: Instituto de Filosofia Raimundo Lúlio, 2000, p.08

¹⁰ Idem. *Ibidem.*, p. 08

¹¹ Idem, *Ibidem*, p.08

¹² Segundo o Ricardo da Costa, citou o trecho referente a tradução em latim, já que a tradução feita pelo documento Castelhana revela que o copista e tradutor, alterou o conteúdo da passagem, colocando-a no plural: “doravante ele fazia livros, uns bons e outros melhores, sucessivamente, contra os erros dos infiéis” – Idem. *Ibidem*, pag. 10

¹³ A separação definitiva entre Llull e a esposa se dar entre 1275-76

¹⁴ LLULL, Ramon. *Vida Coetânea (1311)*. São Paulo: Instituto de Filosofia Raimundo Lúlio, 2000, p.10

que, segundo ele, o Senhor vai ilustrar a maneira e a forma de escrever o livro contra os erros dos infiéis. É a partir daí que vai surgir o método da “Arte Luliana”. Após aprender essa arte com o Deus, Llull é obrigado a construir um eremitério, onde ficou por lá durante oito meses rezando para honrar o Senhor e para proveito da Sua Igreja.

Da qual coisa o dito reverendo mestre muito alegre, com grandes lágrimas nos olhos, fez muitas graças a Nosso Senhor daquela graça tão maravilhosa; e, incontinenti, desceu da dita montanha e rapidamente foi embora ao mosteiro de Real para que mais rapidamente pudesse ordenar os ditos livros e, de fato, ordenou um livro muito belo, o qual chamou Arte Maior e depois Arte Geral sob a qual arte depois compilou muitos livros para a capacidade dos homens iletrados;¹⁵

Quando um jovem pastor de ovelhas visita o eremitério e observa a grande quantidade de livros que Ramon havia produzido, este “ajoelhou-se e beijou-os, regando-os com lágrimas, e disse a ele que daqueles livros proviria um grande bem à Igreja de Cristo.”¹⁶. E “Ramon, considerando tudo o que se passara, maravilhava-se; pois nunca vira aquele pastor, nem ouvira falar dele a ninguém.”¹⁷. Após o ocorrido, Llull sai da montanha e resolve pregar e difundir a sua arte através de seus livros para os reis e o papa.

Desta forma, Ramon se transforma em um missionário laico, apesar de seu pensamento estar bem próximo à espiritualidade franciscana.

E como o dito reverendo mestre retornasse à sua morada, recordou em sua memória como os freires menores haviam aceito melhor a Arte que Nosso Senhor Lhe havia inspirado do que os freires pregadores, e por isso, pensou que deixada a Ordem de São Domingo, tomasse o hábito do monsenhor São Francisco; e, como ele pensasse estas coisas, viu em sua parede, próprio dele, uma corda ou cinto do monsenhor São Francisco; e como pelo espaço de uma hora, ele houvesse pensado nestas coisas, mirando no alto ele viu aquela mesma luz a qual havia visto nos pregadores, e ouviu a mesma voz que, quase o guiando, lhe disse: “Eu não te disse que somente na ordem dos pregadores te poderás salvar? Veja, donde, o que farás.”¹⁸

¹⁵ LLULL, Ramon. *Vida Coetânea (1311)*. São Paulo: Instituto de Filosofia Raimundo Lúlio, 2000, p.12

¹⁶ Idem, *Ibidem.*, trad. Luísa Costa Gomes. p.03

¹⁷ Idem. *Ibidem.* p.03

¹⁸ Idem, *Ibidem.* São Paulo: Instituto de Filosofia Raimundo Lúlio, 2000, p.20.

Seu pensamento filosófico foi direcionado a cristãos, judeus e muçulmanos durante as suas viagens nas regiões de Chipre, Túnis, Armênia e Sicília. Ramon também visitou diversas universidades como a de Paris, Roma e Barcelona. Além disso, seus esforços resultaram na fundação de um colégio em Miramar, em 1276¹⁹, onde os missionários cristãos podiam estudar a língua árabe, que, no entanto, teve curta existência²⁰.

Toda a inspiração para a construção de suas obras, segundo o Llull, é resultante do contato direto com Deus. O elemento do misticismo no seu pensamento não exclui o caminho da busca racional, que acaba sendo fundamentada através do que chama de ilustração (*illustració*), como a fonte divina que o homem recebe de Deus para o entendimento racional das coisas. É a partir de 1274, após receber a “arte divina”, que Llull compõe quase 300 obras, que acabaram sobrevivendo, e propagando a sua *Arte* para papas e reis, nas universidades, além de pregar a fé cristã no norte da África muçulmana. Llull morreu, aos 84 anos, perto de Maiorca voltando da Tunísia. Embora tenha escrito incessantemente, não possuía formação universitária; viveu como um secular, mas esteve sempre ligado às ordens mendicantes.

1.2 – A arte Luliana

Com quase trezentas obras escritas com elementos de poesia, misticismo, filosofia e teologia, as obras de Llull se tornam testemunho das preocupações em fins do século XIII. A sua filosofia considerada realista, não-aristotélica e progressista estava consolidada através de uma arte que:

“Consiste essencialmente em tabelas em que estão inscritos os conceitos fundamentais, de tal maneira que, combinando as diversas posições possíveis dessas tabelas uma com as outras, se possa obter mecanicamente todas as relações de conceitos correspondentes às verdades essenciais da religião.”²¹

¹⁹ Ricardo da Costa supõe a fundação foi oficializada em outubro de 1276 por João XXI, mas a petição ao rei ocorreu um ano atrás.

²⁰ PONTES apud COSTA, 1997, p.5

²¹ GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.573.

O desenvolvimento da arte luliana está relacionado à sua produção, que se divide em quatro etapas, sendo que as duas últimas são consideradas as mais produtivas²²:

- 1) Fase pré-artística (1271-1274)
- 2) Fase quaternária (1274-1289)
 - 2.1) Ciclo da *Ars compendiosa inveniendi veritatem* (1274-1283)
 - 2.2) Ciclo da *Ars demonstrativa* (1283-1289)
- 3) Fase ternária (1290-1308) e
- 4) Fase pós-artística (1308-1315)

Llull divulga o emprego de sua arte contra os erros dos averroístas e dos muçulmanos através da necessidade de uma obra apologética destinada a convencer os infiéis. O seu objetivo não lhe é absolutamente pessoal e não constituía um fato novo:

Raimundo Marinho em *Pugio fidei* e santo Tomás com sua *Summa contra gentiles* haviam perseguido abertamente o mesmo objetivo. Sobretudo, não esqueçamos Nicolau de Amiens, cuja *Ars catholicae fidei* era uma verdadeira técnica de demonstração apologética e, mais próximo de Lúlio, o *Opus majus* de Roger Bacon, franciscano como ele, devorado como ele por um zelo apostólico inextinguível, incessantemente preocupado como ele em ganhar o mundo da Igreja pelo poder conquistador da sabedoria cristã.²³

A obra *Arte Magna* (1305) é a primeira a expor o método formador da arte de Ramon²⁴, apesar de ser considerada como “apenas uma sombra da verdadeira arte combinatória”²⁵. A *Arte Magna* se vangloriava de poder resolver dois problemas presentes na lógica de Aristóteles: o primeiro ponto seria a descoberta de princípios capazes de cessar o raciocínio com caráter demonstrativo e científico; e o segundo ponto seria a descoberta de um meio termo que unificaria esses dois elementos

²² COSTA, Ricardo da. A cavalaria perfeita e as *virtudes* do bom cavaleiro no *Livro da Ordem de Cavalaria* (c.A. 1279-1283), de Ramon Llull. Curso Introdução ao pensamento Luliano.

²³ GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.574

²⁴ Os métodos concebidos por Llull ocorreram no ano de 1275, mas elas foram publicadas somente em 1305 em *Ars generalis ultima ou Ars Magna* em 1305.

²⁵ REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. São Paulo: PAULUS, 1990, p. 663

argumentativos. Diferentemente de Aristóteles, a arte de Llull não possuía um caráter de raciocinar, mas de descobrir.

“Cada ciência tem princípios próprios e diferentes dos princípios de outras ciências. O entendimento, também, requer que haja uma ciência geral com princípios gerais, nos quais estejam implícitos e contidos os princípios de outras ciências particulares, como o particular no universal”²⁶

No método que Aristóteles indicara que para descobrir o meio-termo, no qual permitisse resolver uma questão, era necessário verificar se o predicado era ou não verdadeiro em relação a um determinado sujeito. Ou seja, era necessário encontrar todos os sujeitos possíveis, e assim descobrir, entre esse sujeito e predicado, todos os termos-médicos possíveis.

O que Ramon Llull vai propor em sua arte será uma concordância entre causa e efeito, a partir de princípios que sejam reconhecidos e autorizados por todos. A finalidade dessa arte é responder a todas as questões, sempre que se saiba o significado de cada termo.

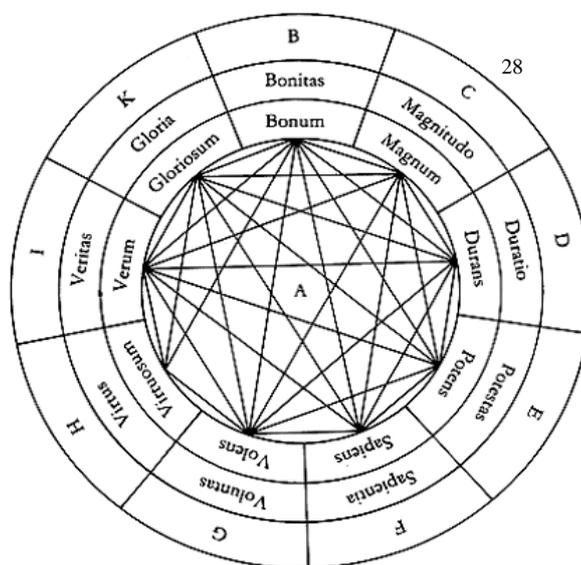
Deste modo, Ramon propõe uma lista dos que figuram em sua tabela geral, princípios gerais e comuns a todas as ciências e sem os quais não poderiam haver nem ciência, nem filosofia. Estes princípios são: bondade (*bonitas*), grandeza (*magnitude*), eternidade (*aeternitas*), força (*potestas*), sabedoria (*sapientia*), vontade (*voluntas*), virtude (*virtus*) verdade (*veritas*) e glória (*gloria*); diferença (*differentia*), concordância (*concordia*), contrariedade (*contrarieta*), princípio (*principium*), meio (*médium*), fim (*finis*), maior (*majoritas*), igualdade (*aequalitas*), menor (*minoritas*).

Os nove primeiros designam os atributos divinos e os nove últimos, relações. Todo predicado é, a seu ver, redutível a um desses atributos ou uma combinação de tais atributos, combinação que obedece a certas regras. Além disso, essas combinações estão distribuídas através de um alfabeto em sua obra *Arte Breve* (1308), onde se convém saber de memória este alfabeto, já que de outro modo o artista dessa Arte não poderá aplicá-la bem.

²⁶ BRÉHIER, Émile. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977 e 1978.p.166

Nesta Arte se definem seus princípios para que sejam conhecidos mediante essas definições, e para que sejam utilizados, afirmando ou negando, mas de tal maneira que as definições permaneçam invariáveis, pois com tais condições o intelecto faz ciência, encontra meios-termos e foge da ignorância, que é sua inimiga.²⁷

Todos os seres estão implicados nesses princípios ou se desenvolveram segundo sua essência e sua natureza. Ramon Llull acrescenta à sua lista as regras que permitem combinar corretamente esses princípios, além de figuras giratórias que permitem combiná-los mais facilmente, e todas as combinações que as tabelas de Ramon possibilitam correspondem precisamente a todas as verdades e a todos os segredos da natureza que o intelecto humano pode alcançar na vida:



As regras que permitem determinar a combinação dos princípios são uma série de questões gerais e aplicáveis a todas as outras: Se é? O que é? De que é? Por que é? Quanto é? Qual é? Quando é? Onde é? Como é? Com que é?

Com elas, o intelecto resolve questões, deduzindo-as mediante as regras, considerando subjetivamente o que significa a regra e suas espécies, e contemplando a questão à luz dos princípios e das regras, de maneira que o intelecto coloque objeções a toda questão duvidosa

²⁷ LLULL, Ramon. *Arte Breve*.1308, p.06

²⁸ A imagem ilustrada por Llull: “inquire a conjunção natural entre o sujeito e o predicado, sua disposição e proporção, para que possa encontrar o meio termo que lhe permita chegar à conclusão.” RAMON, Llull. *Arte Breve* 1308, p.02

mediante as definições dos princípios, e eleja, entendendo inteligivelmente a afirmativa ou a negativa. Assim o intelecto se distancia da dúvida.²⁹

A arte de Llull consiste em conceder de antemão os princípios de que decorrerão necessariamente as suas conclusões. Mas os procedimentos técnicos graças aos quais ele acreditava poderiam alcançar até mesmo os ignorantes e convencer os infiéis. Essas roletas em que Ramon inscreve seus conceitos fundamentais são a primeira tentativa dessa “arte combinatória” que Leibniz, que mencionou seu predecessor medieval, sonhou mais tarde constituir.³⁰

Sendo assim, a arte luliana torna-se:

Um sistema de pensamento aplicável a qualquer tema ou problema específico, uma tentativa de unificar todo o pensamento da cultura medieval e um instrumento para investigar a verdade das criaturas tendo como pressuposto apriorístico a verdade de Deus, Arte assim criada com o objetivo de converter os infiéis.³¹

Tal sistema de pensamento possuía cinco usos segundo seu criador: conhecer e amar a Deus; unir-se às virtudes e odiar os vícios; confrontar as opiniões errôneas dos infiéis por meio das razões convincentes; formular e resolver questões; poder adquirir outras ciências em um breve espaço de tempo e tirar as conclusões necessárias segundo as exigências da matéria.

1.3 - Contexto histórico: A formação da cristandade

Para se compreender quem foi Ramon Llull, é necessário analisar o período histórico que ele vivenciou, assim como é vital examinar o contexto em que a cavalaria está inserida ao longo da Idade Alta Idade Média. Conhecido como a “Idade orgânica por excelência, que realizou a unidade espiritual, a verdadeira catolicidade.”³², o século XIII volta-se para aqueles que pressupõem a impossibilidade da existência de qualquer

²⁹ RAMON, Llull. *Arte Breve*. 1308, p.09

³⁰ GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.575

³¹ PRING-MILL, R. *El Microcosmos Lul·lià*, Editorial Moll, Palma (Mallorca), 1962, 31-32.

³² BRÉHIER, Émile. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977 e 1978.p.113

paz social sem a presença de uma fé comum que permita guiar o pensamento e a ação, e que esteja ligada à filosofia, à arte e à moral. Tais fenômenos serão desenvolvidos graças à formação da Cristandade que resultará na expansão dos aspectos político, econômico, religioso, social, intelectual, e entre outros, na sociedade medieval.

O início do desenvolvimento da Cristandade em torno do ano mil se tornará responsável pelo grande progresso do Ocidente medieval entre os séculos X e XIV. Um dos efeitos de tal progresso corresponde ao estímulo econômico com a produção de matérias-primas, fabricação de ferramentas e o aperfeiçoamento de técnicas. Tal impulso só ocorreu mediante a necessidade de se alojar uma população que crescia cada vez mais.

Independentemente das teorias historiográficas acerca dos fatores do crescimento da população entre os séculos X e XIV, é necessário compreender que tal aumento demográfico se tornou decisivo para a expansão da Cristandade, já que a agricultura feudal excluía um cultivo verdadeiramente intensivo, havendo a necessidade de se aumentar o espaço cultivado e logo criando um intenso movimento de desbravamento.

Paralelamente à expansão interior, a Cristandade também passou por uma expansão exterior. Esta última poderia se tornar a solução militar mais fácil para uma valorização pacífica. Deste modo nasceu um duplo movimento de conquista, tendo como resultado as Cruzadas, expedições longínquas em terras muçulmanas, e a ampliação das fronteiras da Cristandade na Europa.

A cristianização se realizou de modo lento e com a presença de diversos choques. Por volta do ano mil, a Cristandade passa por uma fase de extensão para o leste e para o norte graças à presença de uma série de Estados cristãos, mas estas extensões não se realizaram com sucesso, como a destruição da basílica de Santiago de Compostela pelo famoso Al-Mansur em 997.

Deste modo, os fenômenos de reconquista, alargamento, deterioração dos terrenos da Idade Média causadas pela cruzada será papel essencial nos fatores materiais, demográficos e econômicos na sociedade medieval, mas ela não trouxe “a Cristandade nem o desenvolvimento comercial, nascido das relações anteriores com o

mundo muçulmano e do desenvolvimento interno da economia ocidental; nem as técnicas e os produtos vindo por outros caminhos.”³³

A expansão da Cristandade seguiu juntamente com o crescimento das cidades no Ocidente. Muitas das cidades medievais constituíam um prolongamento das aldeias primitivas. No entanto, cada uma dessas áreas possuía aspectos que as diferenciavam de suas predecessoras.

No período romano, as cidades eram um centro político, administrativo e militar e, em segundo plano, econômico. Essa realidade muda durante a Alta Idade Média, onde estas cidades foram reduzidas quase que exclusivamente à função política e administrativa. Além disso, o cristianismo preservou no Ocidente a continuidade urbana com a colaboração de celeiros dos bispos e mosteiros, que conservaram certa função econômica através de troca de serviços com os pequenos grupos de habitantes.

O nascimento e o desenvolvimento das cidades medievais podem ser atribuídos a um conjunto de estímulos e, principalmente, a diversos grupos sociais, já que esses centros foram atraídos pelos:

Homines novi, recém-chegados evadidos do campo, das *familiae* monásticas, livres de preconceito, prontos a negociar e obter ganhos, mas com eles tinham no início, estavam membros das classes dominantes: a aristocracia fundiária e o clero tiveram um papel determinante.³⁴

Além disso, as regiões com um forte teor de urbanização do Ocidente medieval são tocadas por grandes rotas comerciais. Mesmo diante disso, era vital que as cidades possuíssem um meio rural favorável para se desenvolverem, mas ao ponto em que estas começaram a se desenvolver, irão exercer uma força de atração cada vez maior na área rural circunvizinha.

Entre os séculos X a XVI, a emigração do campo para as cidades será um dos fenômenos maiores da Cristandade. Graças a esse fenômeno, a cidade criou uma sociedade nova, onde ela:

³³ GOFF, Jacques Le. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc 2005. p. 65

³⁴ Idem, *Ibidem*. p. 70

Pertence também ao mundo feudal, que se costuma imaginar como um ambiente quase exclusivamente rural. A adjacência rural sobre a qual ela impõe seu poder feudal, o *ban*, acompanha a evolução do senhorio rumo ao que ficou conhecido como *senhorio banal*.³⁵

Deste modo é reconhecível que a sociedade rural é maioritária em relação ao meio urbano, mas que pouco a pouco este quadro vai mudando a partir do momento que a área urbana substitui as diretrizes vindas do campo por impulsos próprios. A igreja tem participação de primeiro plano neste progresso da Cristandade. No plano econômico, ela será responsável por investir recursos que ninguém possuía, graças ao acúmulo de riquezas durante a fase de entesouramento da economia.

Durante os séculos 11 e 12, momento em que os judeus não eram mais suficientes para desempenhar o papel de financiadores que tinham assumido até então, e em que os comerciantes cristãos não tinham ainda ganhado o destaque que viriam a ter depois, os mosteiros desempenharam o papel de “estabelecimento de crédito”³⁶.

O comerciante, vítima de desprezo pela classe senhorial ociosa, torna-se, por um período, um grupo da proteção da Igreja que o ajudava a vencer o preconceito que sofria. Transformando o trabalho-castigo definido no Gênesis, em um valor de salvação, a Igreja tentará reabilitar a atividade senhorial que era responsável pelo progresso econômico. Além disso, a evolução da sociedade fará com que a Igreja se adapte às novas mudanças, pregando novas palavras de ordem espiritual. Tais mudanças dessa instituição são perceptíveis nas cruzadas, quando a Igreja oferece sonhos que funcionam como um equilíbrio necessário em face das realidades difíceis do tempo.

Com o crescimento e desenvolvimento das cidades, a Igreja se adapta frente à presença das comunidades monásticas e dos eremitas e cria novas ordens medicantes como os dominicanos e franciscanos, que se integram na nova milícia da Igreja no século XIII. Elas:

Procuraram oferecer respostas aos problemas desta sociedade pela pregação, profissão e exemplo. Levaram os conventos do deserto para o meio da multidão. O mapa de casas franciscanas e dominicanas do fim do século 13 segue perto o mapa urbano da Cristandade. E, com

³⁵ GOFF, Jacques Le. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc 2005. p.71

³⁶ Idem, *Ibidem*. p.77

algumas dificuldades, juntaram às cadeiras conventuais as cadeiras universitárias nas quais instalaram e onde brilharam de modo incomparável. Tomás de Aquino e Boaventura, mestres da Universidade de Paris, eram o primeiro dominicano e o segundo franciscano.³⁷

Mesmo com essas adaptações durante a Alta Idade Média, não se via mais uma Igreja que guiava a Cristandade, mas uma instituição que somente acompanhava a evolução dela. Diante disso, uma parte da população não se simpatizava com a presença dos dominicanos e franciscanos, o que excitou a ódios suplementares como o papel dos dominicanos de tomarem a frente na repressão da heresia durante o período da Inquisição.

“Ao contestas a própria estrutura da sociedade, essas heresias atacavam seu âmago: o feudalismo.”³⁸. O fenômeno do feudalismo foi um dos aspectos da evolução do espaço e sociedade na Idade Média. Diante de sua enorme complexidade, é necessário compreender somente alguns aspectos de sua caracterização no quadro da evolução do ocidente durante os séculos X a XIV.

Em primeiro lugar, o feudalismo é o conjunto de laços pessoais que nem entre si, hierarquicamente, os membros das camadas dominantes da sociedade. Tais laços apoiam-se numa base “real”: o benefício que o senhor concede seu vassalo em troca de um certo número de serviços e de um juramento de fidelidade. Em sentido estrito, o feudalismo é a homenagem e o feudo.³⁹

Através de uma cerimônia com diversos rituais, como entrega de um objeto simbólico, juramento de fidelidade e homenagem, era realizada a concessão do feudo pelo senhor ao vassalo. É através desse contrato vassálico que o sistema feudal baseava-se na exploração da terra por intermédio da dominação exercida pela hierarquia feudal – senhores e vassalos – sobre os camponeses. Deste modo, a exploração rural e o domínio vieram a ser a base de uma organização social e política do senhorio.

Com a presença de novas mudanças que se esboçam entre os períodos de 1230 e 1250, é constituída uma outra sociedade feudal. Tal mudança decorreu pela emergência

³⁷ GOFF, Jacques Le. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc 2005.p. 80

³⁸ Idem. *Ibidem*. p. 83

³⁹ . Idem. *Ibidem*. p. 84

dos pequenos cavaleiros que acabaram se aproximando ao nível da nobreza, ocasionando na “queda” da imagem da castelania como peça principal na organização dos poderes banais. A discussão da aproximação da cavalaria à classe da nobreza é um fator que será abordado de forma mais profunda no próximo tópico, mas é necessário compreender que sobre a fase do feudalismo:

Marc Bloch distinguiu duas “idades feudais”. A primeira, que se encerrou em meados do século 11, corresponde à organização de um espaço rural estável em que as tocas são fracas e irregulares, a moeda rara, e o trabalho assalariado quase inexistente. A segunda é produto dos grandes arroteamentos, do renascimento do comércio, da difusão da economia monetária, da superioridade crescente do comerciante sobre o produto.⁴⁰

Além do feudalismo e seu impacto na vida urbana na sociedade medieval, a Cristandade também ocasionou no domínio intelectual e artístico que irão desenvolver de forma favorável durante o século XII:

A arte romântica, produto e expressão do desenvolvimento da Cristandade após o ano mil, transforma-se no transcurso do século XII. Seu novo rosto, o gótico, e uma arte urbana. Arte das catedrais surgidas do corpo urbano, elas sublimam e o dominam. A iconografia das catedrais é a expressão da cultura urbana: a vida ativa e a vida contemplativa buscam um equilíbrio instável, as corporações ornamentando as igrejas com vitrais e o saber escolástico aí sendo exibido.⁴¹

A vida intelectual do século XIII é reflexo dos fenômenos ocorridos já pelos fins do século XII. Acontecimentos como a organização das universidades, a instituição de novas ordens religiosas e a introdução no Ocidente de obras filosóficas importantes, vêm precipitar o curso da evolução intelectual.

Em meados da segunda metade do século XII, as escolas de Paris tomam a frente sobre as outras e agrupam-se na chamada “*universitas magistrorum et scholarium*”. Possuidora de privilégios pelo Papa e pelo Rei, a universidade de Paris tornou-se o primeiro centro intelectual onde viviam mestres e estudantes de todos os países da Europa. Foi nas universidades que se realizou um trabalho literário dos escritos

⁴⁰ GOFF, Jacques Le. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc 2005. p. 87

⁴¹ Idem, *Ibidem*. p. 75

filosóficos, tais escritos se referiam geralmente ao ensino, principalmente às discursões públicas e os cursos.

A Faculdade das Artes também vai contribuir para a corrente filosófica na Idade Média a partir do momento que ela deixa de realizar somente os estudos preparatórios para poder entrar em outras faculdades, como medicina, teologia e direito, para desenvolver uma importante faculdade filosófica, que resultará em sérios problemas mais profundos sob o ângulo da razão pura, independentemente da fé. Desde esse momento surgem correntes filosóficas diferentes.

As ordens religiosas fundadas no século XII também desempenharam um papel importante no movimento intelectual da Idade Média. É o caso da ordem dos Frades Menores, fundada por São Francisco de Assis (1209), e os Frades Pregadores, fundada por São Domingos (1215). Atividades novas presentes com entusiasmo e energia eram uma das características para o domínio dos estudos presentes nas ordens mendicantes. Tal metodologia foi um dos grandes artífices do desenvolvimento científico do século XIII, que foi conhecido como o século de ouro da Escolástica.

A constituição de poderosas correntes de ideais foi outro papel importante desempenhado pelas ordens religiosas na vida científica da Idade Média:

Nessas ordens, que contavam por vezes milhares de homens, o ensino era fortemente organizado e regulado por autoridades. Formavam-se assim “tradições” sólidas, às quais não se renunciava facilmente, bem como “escolas”, sobretudo quando um ou outro religioso era proclamado oficialmente doutor de sua ordem. A vida intelectual já intensa no Ocidente no século II foi singularmente ativada do Oriente no tempo das Cruzadas, ou transmitidas pelos meios árabes da Espanha. Tornou-se então conhecido dos principais obras de Aristóteles, de quem não se tinha cessado de estudar certos tratados de lógica, e puderam lê-las nas versões greco-latinas ou árabes-latinas, feita durante a segunda metade do século XII e no decurso do século XIII.⁴²

O século XIII, conhecido como o período da cristandade, impôs uma mudança de perspectiva dos intelectuais que analisavam as ideais em função de uma civilização estabelecida. Tal mudança ocorreu graças ao bombeamento de teorias de origem grega e árabe sobre a vida social e individual, fazendo com que os intelectuais reelaborassem

⁴² ETIENNE, Gilson. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. P.467

sínteses que respondessem às exigências do pensamento cristão. Deste modo, as vias aristotélicas se tornaram base para a nova tradição intelectual do Ocidente na filosofia do século XIII.

Nesta época, no mundo cristão e me particular na Europa ocidental, não se tinha senão uma só concepção do mundo e da vida, uma “wtansnchauung” – a inspirada pela fé cristã, sobrenatural. No ponto de vista científico, esta concepção prolongava o pensamento agustiniano. A autoridade do bispo de Hipona era absoluta e incontestada e abrangia geralmente todos os domínios. Poderíamos, portanto, falar de agustinianismo medieval ou de tradição agustiniana, com a condição todavia, de entendermos essa expressão no sentido: o que se admite não é precisamente a síntese de conhecimentos tal como havia construído Santo Agostinho, mas todo um conjunto de concepções e teorias, sem dúvidas hauridas em grande parte Doutor da Igreja, mas eu compreendia, além disso, ideias provenientes de outras fontes, principalmente dos Padres da Igreja, gregos e latinos, de teólogos medievais, tais como Santo Anselmo, Pedro Lombardo, os Vitorinos de Paris, aos quais se acrescentam, a partir do século XII, extratos cada vez mais frequentes e importantes dos escritos árabes. Mas todas essas ideias, qualquer que lhes fosse a origem, se achavam integradas, exatamente como em Santo Agostinho, num só conjunto, na única “sabedoria” cristã, cuja ordenação era regulada soberanamente por princípios de ordem teológica.⁴³

A Europa ocidental cristã se viu diante de uma nova concepção de mundo através da utilização das obras de Aristóteles. Abordando conteúdos como a moral, física e metafísica, Aristóteles apresentava uma filosofia completa e solidamente travada.

Deve-se ressaltar que o desenvolvimento filosófico e teológico do século XIII seguiu-se à invasão do Ocidente latino pelas filosofias árabes e judaicas e, quase simultaneamente, pelas obras científicas, metafísicas e morais de Aristóteles. O inevitável conflito entre a filosofia árabe e a teologia cristã se produz no século XIII, na universidade de Paris, que acaba de se constituir. É de lá que as traduções de Aristóteles e de seus comentadores árabes fazem sua primeira aparição.

Tal perspectiva das ideias em função de uma civilização estabelecida que respondessem às “exigências” do pensamento cristão será uma das características do pensamento de Llull, que marca uma nova tradição intelectual do Ocidente na filosofia

⁴³ ETIENNE, Gilson. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. P.469

do século XIII. É através dessa nova análise do mundo que o monge e filósofo irá estabelecer no *Livro da Ordem da Cavalaria*, uma cavalaria que entre em “harmonia” com tal pensamento cristão. Não cabe nesse momento analisar qual o ideal de cavaleiro estabelecido por Llull mediante o contexto histórico da Cristandade vivenciado por ele, mas é necessário abordar alguns aspectos do que seria a Cavalaria, já que a ordem será influenciada mediante a formação da Cristandade no século X ao XV.

1.4- A Cavalaria e a produção do ideal de cavaleiro

A cavalaria, objeto de estudo vital para se compreender o livro com as normas de um bom cavaleiro segundo o Llull, é uma das figuras que simboliza a Idade Média. Detentora de uma grande complexidade como Jean Flori argumenta "a noção de cavalaria é mais complexa e multifacetada do que se parece"⁴⁴ já que ela passa uma imagem muito além de aspetos como a utilização do cavalo, da espada e da coragem.

A historiografia apresenta diversas teses do que seria a cavalaria, algumas destas serão discutidas superficialmente, já que mais tarde será debatido a contribuição da historiografia para a construção dessa classe dos cavaleiros. Utilizando-se como base o pensamento de Jean Flori, a cavalaria é:

Resultante da fusão lenta e progressiva na sociedade aristocrática e guerreira que se implanta entre o fim do século X e o fim do século XI, de muitos elementos de ordem política, militar, cultural, religiosa, ética e ideológica. Esses elementos fornecem, pouco a pouco, à entidade essencialmente guerreira na origem, os traços característicos do que ela se torna aos olhos de todos no decorrer do século XII: a cavalaria, a nobre corporação de guerreiros de elite, a ponto de se transformar em corporação de nobres cavaleiros, com uma ética que lhe é própria e, antes de se tornar uma instituição moral, uma ideologia e até um mito.⁴⁵

Como já dito, muitos dos traços da cavalaria que foram moldados, como a espada e o cavalo, serão frutos de valores transmitidos na Europa Ocidental pelos germânicos que se fundiram com os ideais da sociedade destes "bárbaros", o que acabou caracterizando na formação das novas realezas durante a queda do Império Romano.

⁴⁴ FLORI, Jean. *A cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p.11

⁴⁵ Idem. *Ibidem*. p.15

Tal formação dos traços da cavalaria durante o Império Romano foi discutida pelo próprio Jean Flori, assim como Georges Duby. Para eles, a decadência do Império Carolíngio será acompanhada pela formação das castelhanias, símbolos do período feudal. Com a queda da autoridade do rei e dos condes, a Igreja, com a tentativa principal de se proteger, impõe regras de conduta para os guerreiros, a fim de se limitar o ato da violência destes indivíduos.

Muitos historiadores analisam que essas mudanças na Idade Média são fruto da "mutação do ano mil", resultando em uma profunda ruptura na sociedade ocidental. Apesar disso, Duby acredita que apesar da cavalaria não estar totalmente ligada à mutação feudal, será em torno desse período que forma:

Uma nova classe social que cavalga: a classe dos cavaleiros, os *milites*, que aparecem cada vez com mais frequência [sic] nos textos dessa época, demonstrando a militarização da sociedade desse tempo. Isentos dessas diversas taxações, eles se separaram da massa camponesa e se aproximaram da aristocracia; tentam fundir-se com a nobreza e conseguem isso em datas que variam conforme as regiões.⁴⁶

A cavalaria é composta por um grupo de cavaleiros, que é o guerreiro que "ascendeu" a essa categoria e aplica-se somente ao combatente de elite a cavalo, provido de um conjunto de armas. A formação dessa classe se deu através da formação de um grupo de combatentes profissionais, formados principalmente por vassallos militares e seus chefes. Com o tempo, essa classe passou a adquirir uma consciência mais nítida de que os separava da massa dos guerreiros, formando desse modo, contornos precisos de sua categoria.

Durante a primeira idade feudal, o que o termo de cavaleiro queria significar era, antes de mais nada, uma situação de facto, ou um vínculo de direito, mas puramente pessoal. Chamava-se de cavaleiro de alguém, quando se detinha dessa personagem um feudo que o obrigava a servi-la, assim armado.⁴⁷

A técnica da preparação para um jovem entrar no mundo da cavalaria se efetua segundo uma tradição. Após os primeiros cuidados da mãe, são agrupados os meninos nobres, geralmente sob a direção de um adulto, no qual os garotos treinam em jogos de

⁴⁶ DUBY, G. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.13.

⁴⁷ BLOCH, Marc, *A sociedade feudal*. São Paulo: Editora 70. p.371.

valentia, com varas ou bolas e com exercícios como o arremesso de pedra, assim como o manejo cavalgar e utilizar armas. Geralmente no período de quinze anos, o adolescente tornava-se escudeiro ou pajem junto a um cavaleiro experiente, que ele seguia como mestre. Aos vinte anos, terminada a educação, era proclamado cavaleiro numa cerimônia solene em que recebia, junto com uma ofensa física ou pancada de que não deveria se vingar, as armas para o uso na sua vida de milícia.

Enquanto os garotos recebiam treinamento para aspirarem à cavalaria, as garotas, em especial a filha de um cavaleiro, deveriam segundo Francesco da Barberino começar a “fazer bolsas, coser ou fiar [...] para que, quando estiver em sua casa com o marido, possa com isso passar-lhe a melancolia, ter alguma coisa que fazer e até prestar algum serviço”⁴⁸.

Com o crescimento da cavalaria a classe foi se moldando na constituição da sociedade medieval e fazendo parte da aristocracia. Tomando como exemplo a aristocracia francesa descrita por George Duby em *A sociedade Cavaleiresca*, desde o princípio do século XI, a aristocracia francesa era formada pelos *Dominus*, proprietários dos castelos e detentores do poder de comandar, punir, de explorar os camponeses; e os *milites*, simples cavaleiros, detentores de uma posição social e econômica muito inferior à dos castelões. A partir do século XII, precisamente em meados de 1180 e 1220-30, será notável uma aproximação entre essas duas classes, ocasionando em uma fusão.

Tal aproximação pode ser justificada através de diversas situações demonstradas por Duby. A presença dos senhores elevados na cavalaria e com todo o seu armamento pode ser notada no texto “*Histórias dos condes de Guines*” escrito em latim no ano de 1195, que conta a história um jovem *dominus* que entra na cavalaria e se torna *miles* para suceder o condado do pai. “Não lhe basta ser um “sire”, é-lhe preciso também, e isso para ele é capital, ser um cavaleiro.”⁴⁹

Os sinais de aproximação também apareceram do lado dos cavaleiros. Duby argumenta a utilização do termo *dominus* em cartas francesas em meados do século XII como sinal distintivo dos cavaleiros. A partir desse momento, essa classe guerreira passou a assimilar cada vez mais os costumes da alta aristocracia, utilizando brasões

⁴⁸ BARBERINO, Francesco da, Apud ZUBE, Christiane Klapisch. In: *A mulher e a família* p. 207

⁴⁹ DUBY, George. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.86.

familiares e até mesmo construindo casas em formas de castelos para se assemelhar ao modo de vida dos castelões.

[...] o rei e os príncipes senhoriais empenham-se em conseguir a homenagem e os serviços feudais diretos dos cavaleiros, em ligá-los imediatamente a si e em desviá-los de sua antiga dependência para com o castelão local. Assim se destroem as instituições que haviam assinalado as distâncias entre os dois escalões da aristocracia; assim se dissolve a superioridade política dos castelões; assim se explica a difusão, a vulgarização do título *dominus* da casa-forte, dos brasões....⁵⁰

A partir do momento em que os castelões entram para a cavalaria, eles precisam obter e preservar a dignidade e a honra da instituição cavaleiresca. Isto se remete nas representações mentais daquela época e conseqüentemente na constituição de diversos modelos que irão moldar o comportamento ético e moral da classe dos guerreiros.

Na região da França, nos meados do século XI, a Igreja irá forjar o chamado *Miles Christi*. O cavaleiro de Cristo era uma espécie de modelo de comportamento moral através da vocação militar para colocar em prática o plano divino de salvação do mundo. Esse modelo foi celebrado por São Bernardo de Claraval, que acreditava que o cavaleiro estava sob o serviço do Senhor ao invés de um amo.

Além de coragem e fidelidade, o modelo de cavaleiro perfeito para Claraval passa a ressaltar um indivíduo puro e espiritualizado. Ele é considerado um ministro de Deus que castiga os pecadores e por isso, não precisava temer matar o inimigo. Deste modo, os guerreiros lutavam na guerra de Cristo acreditando alcançar a salvação:

Esse híbrido de guerreiro e homem de fé, não constituía um contrassenso ao espírito cristão. Jesus não proibiu seus apóstolos de levarem espadas ou condenava o ofício de centurião romano. Muitos santos medievais, incluindo o próprio Bernardo, exerceram funções militares.⁵¹

Essa construção do discurso do ideal de cavaleiro se formou e propagou em diferentes pensadores e "formatos". Inicialmente elas estavam presentes nas orações ao desenrolar da cerimônia e que mais tarde, estaria presente em linguagem profana.

⁵⁰ DUBY, George. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.87.

⁵¹ COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando A. dos. "O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria". In: *Mirabilia* 10, jan-jun 2010, p147-150

Décadas depois, as regras serão fixadas no poema francês *L'Ordene de Chevalerie*. O poema fez tanto sucesso, que segundo Marc Bloch, a obra foi rapidamente:

Parafraseado numa "coroa" de sonetos italianos, imitado, na Catalunha, por Ramon Llull, abriu caminho à brilhante literatura que, durante os últimos séculos da Idade Média, esgotaria até o fim a exagere simbólica da investidura, e pelos seus exageros, denunciaria, com a decadência de uma instituição que passa direito para a etiqueta, a insipidez do próprio ideal que se fingia fazer soar tão alto.⁵²

Apesar de Marc Bloch levantar a teoria de que a obra de Ramon Llull seria uma "imitação" do poema francês *L'Ordene de Chevalerie*, não será considerado essa questão neste estudo, já que o nosso objetivo será de analisar os ideais e importância da obra de Llull para a formação de cavaleiros sobre instituição de um código de regras.

A influência da construção do ideal tipo do cavaleiro de Ramon e de outros pensadores medievais pode ser observada a partir de uma história social moldada nos aspectos metodológicos de Max Weber. Para ele, o historiador e o sociólogo acreditam descrever a realidade social de forma científica, mas desprovida de termos com univocidade. Com o objetivo de dar um rigor suficiente para os conceitos utilizados pelo método histórico, cria-se a noção do tipo ideal que objetivava “selecionar explicitamente a dimensão do objeto que será analisada e apresentar essa dimensão de uma forma pura, despida de suas nuances concretas”⁵³.

Deste modo, o conceito de tipo ideal é um processo de conceituação que busca nos fenômenos concretos o que eles possuem de particular, acentuando certas características, eliminando o que pode ser desprezado e assim constituindo um conceito individualizante em oposição à conceituação generalizadora. Essa formulação não possui ainda um rigor conceitual à questão problematizada formando desse modo, o papel ideal tipo.

Obtém-se um tipo ideal, diz ele, acentuando unilateralmente um ou vários pontos de vista e encadeando uma multidão de fenômenos isolados, difusos e discretos, que se encontram ora em grande número, ora em pequeno número, até o mínimo possível, que se ordenam

⁵² BLOCH, Marc, *A sociedade feudal*. São Paulo: Editora 70. p.374

⁵³ FREUD, Julien. *Sociologia de Marx Webel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.49

segundo os anteriores pontos de vista escolhidos unilateralmente para formarem um quadro de pensamento homogêneo.⁵⁴

A problemática da individualidade é uma espécie de avarento ideal e deve ser compreendido através do *Mutatis mutandis* que correlacionada ao pensamento de Weber, o tipo ideal consistirá na acentuação ou amplificação unilateral de pontos de vista, reunindo traços e características de uma realidade singular em um quadro de pensamento homogêneo. A idealidade desta construção conceitual é uma racionalização utópica, que nunca se encontra em sua pureza na realidade empírica e concreta.

Sendo assim, a construção do tipo ideal reflete na formação de julgamentos de imputação causal, já que guia a elaboração de hipóteses, com base numa imaginação nutrida da experiência e disciplina por um método rigoroso. Logo, a irrealidade do tipo ideal lhe dá a significação de um conceito limitado, que permite medir o desenvolvimento real e esclarecer a vida empírica quanto aos seus elementos mais importantes.

Enquadrando a obra do Ramon Lull no pensamento weberiano, pode-se realizar um estudo do ideal do cavaleiro a partir da seleção dos aspectos de adjetivações e subjetivações presentes da aspiração de virtudes e repulsão dos vícios que o cavaleiro deve possuir. Sendo assim, pode-se construir o ideal tipo a partir dos traços característicos e típicos da organização cavaleiresca, comparar com a sociedade empírica e até que ponto os indivíduos aspirantes a essa função obedeciam ao determinado regime estabelecido pela instituição da cavalaria.

A metodologia de Max Weber aplica-se na chamada sociologia, ciência cujo objetivo é “compreender pela interpretação a atividade social, para em seguida explicar causalmente o desenvolvimento e os efeitos dessa atividade.”⁵⁵ O tipo ideal correlaciona com a noção de atividade social que se aplica no estudo dessa sociologia, de captar o homem que vive no seio da sociedade. Logo, o que interessa para Weber é como o homem se comporta na comunidade e na sociedade, como forma essas relações e como

⁵⁴ FREUD, Julien. *Sociologia de Marx Webel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 p.48.

⁵⁵ Idem, *Ibidem*. p.7

as transforma. Deste modo, “a atividade social pode-se orientar de acordo com um comportamento passado, presente ou previsível de outrem”⁵⁶.

O sistema de tipos ideais expõe como se desenvolveria uma forma particular de ação social se o fizesse racionalmente em direção a um fim e se fosse orientada de forma a atingir um e somente um fim. A relação social seria a “conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações”⁵⁷.

Weber considerava que a ação social tem como referência a expectativa de comportamento de outra, o que leva o agente a construir, pelo imaginário com base na realidade, a ação ideal através da adequação dos meios aos fins.⁵⁸ Através das ações sociais, tomam-se quatro os tipos ideais que estão correlacionados a atividade social: ação racional em relação a fins, ação racional em relação a valores, ação afetiva e ação tradicional.

A relação social consiste [...] exclusivamente na possibilidade de que ações sociais especificamente orientadas uma para as outras em seus significados tenham ocorrido, mesmo quando [as relações] são [...] “formações sociais” como um “Estado” deixa de existir sociologicamente assim que desaparece a possibilidade de que certos tipos de ações sociais significativamente orientadas ocorram.⁵⁹

“A ação racional com relação a fins, que corresponde à racionalidade instrumental, funcional ou técnica, é um tipo de ação consciente, calculada e deliberada.”⁶⁰ É através da análise de fins alternativos que um indivíduo selecionará determinados fins a serem testados e através de seus efeitos é possível utiliza-los de acordo com as condições e meios necessários. Já a ação racional com relação a um valor é uma conduta que testemunha fé em um valor e cuja racionalidade decorre de uma orientação fundada em um critério superior. A ação efetiva corresponde a uma ação de um indivíduo com forte teor sentimental diante de uma determinada situação e não de

⁵⁶ FREUD, Julien. *Sociologia de Marx Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.80

⁵⁷ AMORIM, Aluizio Batista de. *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*. Florianópolis: Insular, 2001. p. 85-86.

⁵⁸ WEBER, Max. *Metodologia Das Ciências Sociais, Parte 1*. In: Introdução à edição Brasileira: Maurício Tragtenberg Tradução de Augustin Wemet, 4º edição, Cortez editora, 1973 Página XXVIII

⁵⁹ RINGER, Fritz. *Metodologia de Max Weber*. A Unificação das Ciências Culturais e Sociais Vol. 26

⁶⁰ SOUZA, Sérgio Alves. *Uma aplicação dos Tipos Ideais Weberianos*. In: LOPES, Jorge. *O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas*. Recife: Universitária, 2006. p. 02

um sistema de valores. E a ação tradicional corresponde a uma hierarquia mais baixa em relação às outras e se estabelece de acordo com os costumes consagrados no tempo.

A cavalaria e a obra de Llull apresentam elementos de tais atividades a partir do momento que um cavaleiro conduz seu comportamento através de uma conduta tradicional e logo considera a tradição como um valor que merece ser respeitado, situando-se no limite do comportamento racional de valor. Um cavaleiro experiente é aquele que possui uma reflexão amadurecida e escolhe os meios mais apropriados, levando em consideração as consequências previsíveis de uma atividade racional em relação a fins e não se pode deixar levar por uma ação efetiva.

1.5- O livro da Ordem da Cavalaria

A vida de Lull, a partir da conversão ao Cristianismo, foi acompanhada com os três desejos de dedicar sua vida ao serviço de Deus, convertendo os infiéis ao catolicismo, criando escolas onde se estudasse as línguas dos infiéis e preparar-se ao martírio. Com o objetivo de espalhar a sua palavra através da chamada *Arte Luliana*, Llull se inspira do poema francês *L'Ordene de Chevalerie* e cria um código de conduta que os cavaleiros deveriam seguir, a fim de conhecer e amar a Deus e unir-se às virtudes e o repúdio dos vícios segundo a sua Arte.

Publicado sob o título *O livro da Ordem de Cavalaria*, a obra de Ramon foi produzida e lançada em meados dos anos de 1279-1283. Aplicando-se a sua arte na obra, o autor divide o seu livro em sete partes, além do prólogo, e com o objetivo de apresentar os princípios, virtudes e ideais que um indivíduo deve aspirar para se tornar cavaleiro:

A primeira parte é do começo de cavalaria; a segunda, do ofício de cavalaria; a terceira, do exame que convém que seja feito ao escudeiro com vontade de entrar na ordem de cavalaria; a quarta, da maneira segundo a qual deve ser armado o cavaleiro; a quinta, do que significam as armas do cavaleiro; a sexta é dos costumes que pertencem ao cavaleiro; a sétima, da honra que se convém ser feita ao cavaleiro.⁶¹

⁶¹ LLULL, Ramon. O livro da Ordem da cavalaria. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. P.3.

O livro da ordem da cavalaria corresponde à fase quartenária (1274-1289) do desenvolvimento da Arte de Llull e sendo escrita durante o ciclo da *Ars compendiosa inveniendi veritatem* (ca.1274 – ca.1283), o local onde foi redigida a obra é desconhecido e a sua cópia mais antiga corresponde a um códice trecentista da versão francesa. Tal tradição manuscrita francesa foi muito importante na difusão medieval da obra luliana. Desde então a obra tem sido difundida por vários países, nos quais seus manuscritos, muitos incompletos, podem ser localizados em versão catalã, francesa, castelhana e até o ano de 2000 houve cerca de vinte e duas edições da obra nessas línguas, provando a influência do pensamento de Ramon Llull até a atualidade.

O objetivo geral de Llull era oferecer uma ideologia cavaleiresca e deste modo formar um grupo detentor de: “Função, determinada posição social, a construção de um sistema ético baseado na antítese de virtude-vício, proposta de mecanismo de reforma e o oferecimento de um esquema tipológico imaginário.”⁶². Deste modo os cavaleiros são instruídos pelas virtudes da ordem da cavalaria, a fim de se preservar o nome da instituição cavaleiresca, assim como a ordem da igreja. Ressalta-se que nesse momento é necessário compreender o que foi o livro da ordem da cavalaria e sua representação para sua época. Será no capítulo 3 que será desdobrado todos os ideais e pensamentos que Ramon Llull tentou expressar na sua obra.

⁶² LLOPART, Albert Soler I. “El concepte de cavalleria al tractat. Els seus procedente”. In: LLULL. Llibre de l'orde de cavalleria (a cura d'Albert Soler I Llopart). Barcelona: Editorial Barcino, 1998, p.47).

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DA CAVALARIA NA HISTORIOGRAFIA OCIDENTAL

Após uma breve análise do que seria a cavalaria, é necessário analisar como esta instituição é abordada através da historiografia ocidental. É a partir da produção de autores como Jacques Le Goff, March Bloch, Georges Duby, Franco Cardini, Johan Huzinga, Jean Flori, Michel Pastoureau e Jérôme Baschet que é possível aspirar a contribuição que esses estudiosos forneceram e se tornaram referências para o estudo da cavalaria no Ocidente Medieval Europeu.

O medievalista italiano Franco Cardini, que possui experiência em temáticas de guerra, cruzada e sociedade cavaleiresca, sob a coordenação de Jacques Le Goff em *O homem medieval* (1989), apresenta uma das características do homem medieval, o cavaleiro. O autor apresenta a origem, formação e queda desses guerreiros medievais desde o século X ao XIV, apontando aspectos de sua funcionalidade, o papel da igreja na tentativa de controlar esses indivíduos, a aproximação com a nobreza e o seu período de crise.

O autor se enquadra nos historiadores que acreditam que a mutação do ano mil será responsável pelas mudanças da sociedade europeia, transformando a sociedade de *liberi e servi* em *militēs e rusīci*. Esta mudança implicava no privilégio de uma classe que utilizava armas, combatia, estava isenta da carga de imposições e de empenhar-se no mundo da produção, e deste modo estavam aptos a satisfazerem suas próprias necessidades.

Para o Cardini, a violência do século X será responsável pela divisão da sociedade em três níveis: os *oratores*, os *bellatores* e os *laboratores*.⁶³ A constituição deste mundo no plano da oração, combate e trabalho são formadoras dos três pilares do mundo cristão, cuja tripartição foi alvo de estudos de Georges Dumézil. É a partir desta tríade que Cardini abordará como o cavaleiro foi indivíduo que esteve presente no seu ofício do mundo da guerra, mas que ao mesmo tempo ele esteve condicionado por um código ético-teológico que possibilitasse a sacralização da prática militar.

⁶³ CARDINI, Franco. “O Guerreiro e o Cavaleiro.” In: LE GOFF, Jacques. *O Homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 57

O autor aponta como a obra *Chanson de Roland* irá oferecer o primeiro e importante modelo de codificação do *Ritterliches Tugendsystem*, do sistema ético cavaleiresco. É a partir do molde do perfeito cavaleiro que vários pensadores irão formular esse guerreiro, variando desde Bonizon de Sutri até Ramon Llull, São Bernardo de Claraval e Aelredo de Rielvaux.

Outro pensador importante para o estudo da cavalaria é Georges Duby, ele contribuiu com diversas obras como o *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos* (1998), onde dedica um de seus capítulos para abordar acerca do temor da alta violência que se sustentava desde o ano mil pelos cavaleiros que deveriam defender os camponeses. O autor analisa como a Igreja será fundamental na tentativa de controlar esses guerreiros, abordando esta problemática através de diversos trechos documentais e imagens do período.

Apesar de abordar a cavalaria através de uma pequena problemática da violência, a principal obra de Duby que irá contribuir para a historiografia sobre os cavaleiros será a *Sociedade Cavaleiresca* (1989). Assim como outros autores, Georges analisa a classe dos cavaleiros na região da França, estudando qual a origem destes guerreiros e como se deu a aproximação entre esta ordem e a nobreza no século XII nos diversos pontos da atual França.

A produção se formou graças à exortação que Marc Bloch propunha nos medievalistas a estudarem a evolução da nobreza nos diversos países do Ocidente. A tese do professor da Universidade de Louvain, L.Génicot a respeito da economia de Namur na Baixa Idade Média será fundamental para o estudo de Duby, que afirma a necessidade de que: “os historiadores comecem a estudar nas províncias francesas a demografia das famílias aristocráticas, que talvez não apresentasse as mesmas características das demais camadas sociais.”⁶⁴.

O termo *miles* vai surgir por volta do ano mil, se difunde pelas regiões francesas como um título que qualifica determinados indivíduos, além do termo *milites castri*, será utilizado por pensadores como P.Petot, J.Richard e E.Perroy e irão contribuir para o levantamento das problemáticas abordadas por Duby para compreender o grau de

⁶⁴ DUBY, G. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. P.18

fluidez da nobreza medieval, analisando até que ponto esse grupo foi rejuvenescido e renovado pela intrusão dos novos-ricos, partindo-se da região de Namur analisada economicamente por L.Génicot. É a partir desta problemática que Duby irá estudar a associação entre nobreza e cavalaria em diversos pontos da França.

Para realizar esse estudo o autor aponta primeiramente as origens da cavalaria a partir de documentos da região do Mâconnais, principalmente nos cartulários da abadia de Cluny. É a partir deste estudo que ele notará a presença do termo *miles* aproximadamente no ano de 971 e que veio substituir termos progressivamente qualitativos referentes à subordinação vassálica, como *vassus* ou *fidelis*. Com o passar do tempo este termo vai mudando de significado, como título pessoal ou exaltar certos membros da corte da justiça em 1032, homens que ocupam uma determinada posição social por volta de 1075 e por fim, um qualitativo cavaleiresco nos últimos anos do século XI.

É através desta contribuição historiográfica que o Duby irá dissertar sobre as motivações deste estudo na França nos séculos X e XII, mas tal problemática não cabe a ser estudada neste trabalho, porém é preciso entender que deste tema, além dos elementos da paz de Deus e do Feudalismo que irá compor uma análise da linhagem aristocrática na região francesa do século XII, apresentando como a documentação da época mostrava a aproximação da cavalaria com a nobreza, ocasionado em uma fusão e conseqüentemente na formação de uma nova aristocracia.

Outro autor essencial para o estudo da cavalaria remete-se ao Jean Flori com sua obra *A cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média* (2005). Ele tenta demonstrar que a noção de cavalaria é complexa e multifacetada, e que esta não se refere somente a um guerreiro com cavalo e espada. A partir de seus estudos e dos ideais de Georges Duby, Flori apresenta como surgiu esse pensamento e tenta demonstrar que tais traços são insuficientes para caracterizar essa classe e mostra que ela é detentora de uma ética, princípios e ideologias próprias.

Apresentando diversas teorias a respeito da origem da instituição cavaleiresca, Flori se distancia do pensamento que a cavalaria é um subproduto da “mutação do ano mil”, creditando que ela é resultante de uma fusão na sociedade guerreira e aristocrática no final do século XI, que apresenta aspectos de ordem política, militar, ideológica,

cultural e religiosa. Sua tese coincide com alguns pontos da tese mutacionista, mas ele realiza algumas críticas sobre ela, como o crescimento das castelânicas, não apresentando um conceito globalizante da cavalaria assimilada ao poder.

É a partir da problemática de uma cavalaria que adquire uma consciência de si mesma, de dignidade e um caráter ético e ideológico que Flori tenta descobrir as origens dos diversos elementos que compõem a ideologia cavaleiresca, analisando tanto documentos utilizados pelos historiadores, como também bebendo de outros campos do conhecimento como a literatura, a iconografia e a liturgia.

Utilizando cerca de 30 anos de estudos, Flori apresenta elementos essenciais sobre o estudo da origem dos cavaleiros, analisando pontos como o que seria a cavalaria, a entrada nessa instituição a partir da investidura, sua natureza e função, quais armas e métodos utilizados nos combates, a relação entre a cavalaria com Guerra, torneios, nobreza, Igreja e amor, e como a representação desta ordem se dava na literatura, travando-se o que é mito e realidade.

Deste modo, Flori contribui historiograficamente por apresentar a perspectiva de que o termo *militia* irá apresentar diversas conotações sociais, indo além da ideia de força armada a serviço, ao mesmo tempo que no século IX e XII, a evolução econômica e social se tornará primordial para que o cavaleiro se torne um guerreiro por excelência.

Outro historiador utilizado neste trabalho foi o autor Jérôme Baschet que dedica um subtema sobre a cavalaria no livro *A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América* (2006) através da feudalidade e a organização da aristocracia. Para ele, a aristocracia é “caracterizada pela conjunção do comando dos homens, do poder sobre a terra e da atividade guerreira.”⁶⁵. Este se aprofunda através de Joseph Morsel que argumenta que “o historiador deve construir pondo ênfase sobre a dominação social exercida por uma minoria cujos contornos permanecem por muito tempo bastante abertos e fluidos, no lugar da noção de *nobreza*.”⁶⁶.

⁶⁵ BASCHET, Jérôme. *A Civilização feudal: Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006. P.109

⁶⁶ Idem, *Ibidem*. P.110

É através da análise da formação da aristocracia medieval entre os séculos XII e XIII, e já analisado por Duby, que ela se constitui na nobreza, constituída muitas vezes por famílias que remontam a aristocracia romano-germânica, e a dos milites. O autor complementa seu estudo a partir do ritual do adubamento e de como a Igreja teve papel essencial na liturgia de benção da entrega das armas aos príncipes durante a Alta Idade Média.

Baschet estuda as formas do poder aristocrático configurado em torno do termo *miles* e dos códigos da cavalaria através de diversos estudiosos que analisam esses elementos. Os castelos e o processo de “castelanização do Ocidente” por Joseph Morsel, a arte da guerra através de batalhas estudadas por Georges Duby, além de analisar os torneios, a caça, os equipamentos utilizados pelos guerreiros e a ética cavaleiresca através de ilustrações e descrições literárias como a *Canção de Rolando*, *Tristão e Isolda* e *O conto do Grau*.

Michel Pastoureau, nascido em 1947, é um dos principais pesquisadores franceses de documentos e testemunhos sobre as estruturas sociais, o universo mental e a vida material das populações medievais. Em sua obra *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda: França e Inglaterra, século XII e XIII* (1989), o autor estuda o homem do século XII, abrangendo a classe da Igreja, dos cavaleiros e dos camponeses, apresentando elementos socioculturais desses indivíduos na região da França e Inglaterra. É a partir da evocação das estruturas sociais no fim do século XII e início do século XIII que o autor estuda a formação da sociedade medieval, apresentando as relações entre nobreza e cavalaria. Neste último é explorada a instituição cavaleiresca, a vida do cavaleiro, o ideal e as virtudes que este deve apresentar.

Pastoureau ressalta que “os cavaleiros não formam uma classe jurídica, mas uma categoria social que reúne especialistas em combate de cavalaria”⁶⁷. É a partir da utilização de canções de gesta como *Chanson d’ami et d’amile* que autor analisa a mudança de realidade no século XII a respeito do recrutamento de cavaleiros, que agora passa a ser exclusivamente entre os filhos de cavaleiro, formando uma casta hereditária. Essa problemática está relacionada aos altos custos do cavalo e o equipamento militar

⁶⁷ PASTOUREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da tábola redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P.42

exigido por um cavaleiro, além da necessidade de possuir glória e honra. Conseqüentemente, por volta de 1200, os cavaleiros serão constituídos por senhores e os filhos destes, ocasionando futuramente, em fatores que levarão à fusão entre cavalaria e nobreza.

O autor também faz uma análise da vida do cavaleiro através da questão de que muitas literaturas épica e cortês apresentam detalhes da vida destes indivíduos, mas de forma distorcida de “seu caráter ideologicamente passadista”. É desta forma que Pastoureau apresenta detalhadamente os processos que uma pessoa aspirante à cavalaria inicia seus ensinamentos até à sua formação de cavaleiro. É tomando como base o caso de Guilherme, o Marechal, que o autor afirma a existência de um “proletariado cavalariano”, já que todo o material que um cavaleiro necessitava, possuía uma dependência com reis, condes e barões, aos quais devem viver atrelados. Deste modo, o autor afirma que:

É provavelmente ao público formado por esses jovens cavaleiros, ávidos de proezas amorosas e guerreiras, que se dirigem os romances de cavalaria e a literatura cortês. Ali eles encontram a imagem de uma sociedade que não existe e que desejariam impor. Uma sociedade em que as qualidades, as práticas e as aspirações da classe dos cavaleiros seriam os únicos ideais possíveis.⁶⁸

A utilização da literatura também é abusada pelo autor para demonstrar a presença de um código de conduta e ética cavaleiresca, ressaltando a necessidade de se compreender a diferença entre modelos literários e a realidade cotidiana, já que cada século medieval será responsável por uma nova leitura dos preceitos desses códigos da cavalaria. Deste modo, o autor apresenta trechos de obras que vão desde a *Canção de Rolando*, Chrétien de Troyes, Gornemant de Goort ou a Demanda do Santo Graal, mas seu intuito era apresentar os termos de “*largesse*” (generosidade) e “*courtoisie*” (Cortesia), além de que essas obras apresentam um ideal que o código da cavalaria:

Pode ser resumido em três princípios: fidelidade à palavra dada e lealdade perante todo s; generosidade, proteção e assistência aso que delas precisam, obediência, proteção e assistência aos que dela

⁶⁸ PASTOUREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da tábola redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 47

precisam; obediência à Igreja, defesa de seus ministros e de seus bens.⁶⁹

Johan Huizinga é outro historiador que contribui para a produção referente à cavalaria em *O declínio da Idade Média* (1985). No capítulo *A Ideia da Cavalaria*, ele critica o fato de que muitos autores, como Froissart, Monstrelet, d'Escouchy, Chastellain, La Marche, Molinet, se dedicam a escrever temas sombrios ao invés de demonstrar a grandiosidade do mundo dos cavaleiros, como feito Philippe de Commines e de Thomas Basin, que glorificam a bravura e as virtudes da cavalaria, afirmando que suas obras começam:

Com sonoras declarações sobre os seus propósitos de glorificar a bravura e as virtudes da cavalaria, de historiar «os nobres empreendimentos, conquistas, feitos heróicos e guerreiros», «as grandes maravilhas e os galantes feitos de armas que sucederam por causa das grandes guerras».⁷⁰

É através desses autores que Huizinga tenta abordar a cavalaria através dos aspectos de ordem política e social, afirmando que esta análise ainda se encontra de forma pobre na historiografia, e que a “concepção de cavalaria como forma sublime de vida secular podia ser definida como um ideal revestindo o aspecto do ideal ético”⁷¹. Partindo da premissa da origem dos cavaleiros relacionada à honra e à glória, que Huizinga compara o cavaleiro na Idade Média com o homem do renascimento através do pensamento de Chastellain:

A honra impele toda a nobre natureza, a amar tudo o que é nobre em seu íntimo, a nobreza também lhe acrescenta a sua rectidão. (...) A glória dos príncipes reside no seu orgulho e em arriscarem-se a grandes perigos; todas as principais forças se juntam num ponto que é chamado de orgulho.⁷²

⁶⁹ PASTOUREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da tábua redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 1985.p 49

⁷⁰ HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. São Paulo: Ulisseia, 1985.p.49

⁷¹ Idem, ibidem, p 50

⁷² Idem, Ibidem, p 51

CAPÍTULO 3

A CONSTRUÇÃO DO IDEAL CAVALEIRO NO LIVRO DA ORDEM DA CAVALARIA

Como já dito no primeiro capítulo, após a conversão ao Cristianismo que foi acompanhada com os três desejos de dedicar sua vida ao serviço de Deus, converter os infiéis ao catolicismo, criar escolas onde se estudasse as línguas dos infiéis e preparar-se ao martírio, Llull conseguiu desenvolver a chamada Arte Luliana. Com ela, inúmeras obras foram produzidas e entre elas, uma será inspirada através de um poema francês *L'Ordene de Chevalerie* e resultará em um código de conduta que os cavaleiros deveriam seguir, a fim de conhecer e amar a Deus e unir-se às virtudes e o repudiar dos vícios segundo a sua Arte.

Publicado sob o título, *O livro da Ordem de Cavalaria*, a obra de Ramon foi produzida e lançada em meados de 1279-1283. Aplicando-se a sua filosofia, o autor divide o seu livro em sete partes, além do prólogo, e possui como objetivo apresentar os princípios, virtudes e ideais que um indivíduo deve aspirar para se tornar um bom cavaleiro e deste modo, criar o verdadeiro ideal tipo de guerreiro durante a Alta Idade Média.

É através da análise deste documento que este último capítulo vai abordar primeiramente os principais aspectos de um bom cavaleiro para Llull exposto em sua obra. Em seguida, é necessário compreender algumas partes da constituição dela, ou seja, aplicar o que foi escrito mediante o seu contexto histórico e entender quais as motivações que levaram o autor a escrevê-la. E por fim, este capítulo irá fazer uma análise do que realmente seria a ideia de “tipo ideal” e como este recurso foi utilizado na tentativa de criar o verdadeiro guerreiro através dos ideais apresentados por Bernardo de Claraval no século XII e Ramon Llull no século XIII, apresentando-se as semelhanças e diferenças utilizadas por esses dois pensadores.

3.1 – O livro da Ordem de Cavalaria

Agradecendo-se ao “Deus honrado, glorioso, que soi cumprimento de todos os bens, por vossa graça e vossa bênção”⁷³, Ramon Llull inicia a sua obra através de um prólogo que consiste em uma pequena apresentação da divisão do livro, assim como uma história entre um jovem e um cavaleiro. É através desse encontro que o autor vai apresentar para um guerreiro aspirante à cavalaria, a noção da grandiosidade institucional que ele pretende ingressar.

O prólogo conta a história de um jovem escudeiro que parte em direção a um castelo cujo o rei, muito nobre e de bons costumes, estava à procura de novos cavaleiros e que iria financiar o armamento, assim como entregar títulos e recomendar trabalhos para outros barões e privados. Após o seu cavalo sair da rota prevista e adentrar em um bosque enquanto estava dormindo, o escudeiro se depara com um velho que estava orando sob a sombra de uma árvore.

Magro, pálido e com uma aparência santa, o velho era na verdade um antigo cavaleiro que serviu a ordem da cavalaria e que havia mantido a nobreza e a força de sua alta coragem, além de sabedoria que premiou honra à instituição que servia. Mas a partir do momento que a velhice ia chegando, o mesmo resolve abandonar a cavalaria para que “não lhe desonrasse naquelas coisas que com sabedoria e ventura ao longo do tempo o havia honrado tanto”⁷⁴.

Após uma breve conversa sobre o objetivo do jovem escudeiro, o antigo cavaleiro pergunta se ele sabe quais são as regras da ordem da cavalaria, e diante da resposta negativa o velho argumenta que: “nenhum cavaleiro deve ser cavaleiro se não sabe a ordem da cavalaria, porque desonrado cavaleiro é que faz cavaleiro e não sabe lhe mostrar os costumes que pertencem ao cavaleiro”⁷⁵.

Querendo saber como poderia aprender as regras da ordem, o sábio cavaleiro dá ao escudeiro um livro com instruções para honrar a instituição cavaleiresca e que ele deveria ser apresentado ao nobre rei e a toda a sua corte, para que todos os indivíduos que desejassem entrar na cavalaria pudessem ler e recordar o livro com toda a sua ordem.

⁷³ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. P.3.

⁷⁴ Idem. Ibidem. p. 3-5

⁷⁵ Idem. Ibidem. p. 9

Através de um encontro entre duas gerações, Ramon Llull ilustra que até o momento em que o sábio cavaleiro exerceria seu ofício na cavalaria, a instituição era detentora de ordem, honra e prestígio. No entanto, com o passar do tempo, os cavaleiros passaram a se esquecer dessas virtudes, o que acarretou às novas gerações passarem a entrar na ordem sem conhecer os ideais formadores dela.

O mundo vivenciado pelo jovem escudeiro exposto no prólogo da obra de Llull é reflexo de uma sociedade que carece de: “caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo”⁷⁶ e que agora abre espaço para a “inimizade, deslealdade, injúria, falsidade”⁷⁷. Segundo Llull, os cavaleiros são como “servos de Deus” e sua onipotência deve ser conhecida, honrada e temida pelo homem, como também pelo guerreiro. Deste modo, Ramon apresenta quais as características, que são distribuídas nas sete partes da obra, que um cavaleiro deve possuir para se tornar o guerreiro ideal que ofereça honra para os seus serviços na cavalaria.

O cavaleiro é um indivíduo escolhido entre mil pessoas e ele é: “mais amável, mais sábio, mais leal e mais forte, e com a mais nobre coragem, com mais ensinamentos e de bons modos que todos os outros”⁷⁸. É com o cavalo, “a mais nobre besta e a mais conveniente a servir ao homem”⁷⁹ que tem a denominação de cavaleiro. Este indivíduo com a sua besta são providos das armas mais nobres e convenientes para o combate e defesa no campo de batalha.

Convém que a nobreza dê coragem, que os seus bons modos concordem e convenham ao começo da cavalaria e que o guerreiro seja detentor de princípios e honra. O amor e temor são convenientes contra o desamor e o menosprezo. Além disso, espera-se que cavaleiro: “seja amado e temido pelas gentes, e que pelo amor retornassem a caridade e ensinamentos, e pelo temor retornassem a verdade e a justiça”⁸⁰.

Para Llull, a cavalaria deveria ser uma atividade restrita à classe masculina, já que o:

⁷⁶ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000.

p. 13

⁷⁷ Idem. Ibidem. p. 13

⁷⁸ Idem. Ibidem. p. 13

⁷⁹ Idem. Ibidem. p. 13

⁸⁰ Idem. Ibidem. p. 15

Homem por sua natureza é mais aparelhado a haver nobre coragem e ser bom que a fêmea, assim o homem é mais aparelhado a ser vil que a mulher; pois, se assim não fosse, não seria digno que tivesse maior nobreza de coração e maior mérito de ser bom que a fêmea.⁸¹

A profissão de ser cavaleiro é tão nobre e honrada que nem o mais rico na nobreza que tiver o melhor cavalo e as melhores armas pode ser um bom guerreiro se não seguir a ordem da cavalaria. O aspirante a esta instituição não pode ser um indivíduo vil e malvado, assim como seu passado deve ser bom para ser digno de ser chamado de cavaleiro.

A educação cavaleiresca já ocorre desde a juventude, já que esse é o único momento viável em que o futuro guerreiro pode aprender sobre o que é ser cavaleiro e para isso convém que ele seja escudeiro, saiba cuidar do cavalo e esteja sob a orientação de outro cavaleiro. Além disso, é necessário que o escudeiro seja uma pessoa letrada e aprenda a doutrina de letras e das altas ciências para que compreenda os princípios da cavalaria.

Ramon ressalta os cinco principais ofícios que devem ser cumpridos por um cavaleiro ao entrar na ordem da cavalaria: manter e defender a santa fé católica; manter e defender o senhor terreno; manter viúvas, órfãos e homens despossuídos; e haver castelo e cavalo para guardar caminhos e para defender os lavradores.

Os cavaleiros são guerreiros elegidos por Deus e são mantenedores e defensores do ofício dessa força suprema e da fé pela qual nos havemos de salvar. Deste modo, é através das forças das armas que são combatidos os infiéis que tentam destruir a Santa Igreja. Além disso, é necessário que o guerreiro possua e utilize a fé, caso o contrário, a "descrença o homem é condenado a trabalhos que não têm fim."⁸²

Para Llull, ser cavaleiro significa ter respeito pelas outras ordens existentes, por isso "amar uma ordem e desarmar outra ordem não é manter a ordem, porque nenhuma ordem Deus faz contrária a sua ordem"⁸³. A existência de tantas ordens cria uma espécie de hierarquia estabelecida por ele para provar que o poder de Deus "pode e sabe reger e

⁸¹ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. P. 15

⁸² Idem. *Ibidem*. p. 25

⁸³ Idem. *Ibidem*. p. 25

governar tudo o quanto é”⁸⁴. Para ajudar a “administrar” tamanha grandeza provida do divino, é necessária a presença de diversos oficiais que sejam cavaleiros e que sejam detentores de dignidade, honra e nobreza.

E, para significar que um só Deus é senhor de todas as coisas, o imperador deve ser cavaleiro e senhor de todos os cavaleiros; mas, porque o imperador não poderia por si manter e reger todos os cavaleiros, convém que tenha abaixo de si reis que sejam cavaleiros, para que o ajudem a manter a ordem da cavalaria. E os reis devem abaixo de si condes, condados, verveiros, e assim os outros graus da cavalaria; e debaixo destes graus devem estar os cavaleiros de um escudo, os quais sejam governados e possuídos pelos graus de cavalaria acima ditos.⁸⁵

Manter e defender o senhor são duas das tarefas essenciais de um cavaleiro, para que se possa manter justiça. Assim como um juiz tem a finalidade de julgar, o guerreiro precisa se tornar uma espécie de juiz-cavaleiro. Além disso, a sua ajuda, segundo Llull, deve estar ligada ao rei e/ou príncipe ao invés de estar ligeiramente interligado ao povo, atribuindo deste modo, o termo de "cavaleiro malvado" que der preferência ao povo invés de seu senhor.

Um cavaleiro é aquele indivíduo detentor de virtudes como "justiça, sabedoria, caridade, lealdade, virtude, humildade, fortaleza, esperança, esperteza"⁸⁶. Além disso, a coragem vale muito mais que a força, já que um guerreiro que foge da batalha e desampara o seu senhor por maldade e fraqueza, não merece estar no ofício de cavaleiro e nem servir a ordem da cavalaria.

E se tu morres para manter a cavalaria, então tu tens cavalaria naquilo que mais pode amar e servir e ter, porque cavalaria em nenhum lugar está tão agradavelmente como em nobreza de coragem; e nenhum homem pode mais amar nem honrar nem ter cavalaria que aquele que morre pela honra e a ordem da cavalaria.⁸⁷

Um guerreiro não deve ser amigo e aliado somente de seu senhor, ele também deve ter essa feição com a população indefesa. Fica proibido de forçar as mulheres a

⁸⁴ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000.. p. 27

⁸⁵ Idem, Ibidem, p.27

⁸⁶ Idem. Ibidem. p.31

⁸⁷ Idem. Ibidem. p. 35

terem relações sexuais, assim como roubar e destruir homens pobres, além de deserdar órfãos. Ser cavaleiro não é cometer maldades, enganos e crueldade, mas ser uma figura composta de proteção e nobreza à sociedade medieval.

Além de ajudar os necessitados, o guerreiro da ordem deve combater traidores, ladrões e salteadores. O mesmo se aplica para outros cavaleiros que seguem esse triste destino, cabendo a outro colega da instituição da cavalaria de destruí-lo e mata-lo. "É mandamento de lei que o homem não seja perjuro"⁸⁸, desse modo, um cavaleiro não deve se entregar à luxúria e absorver os elementos da justiça e humildade.

O exame do escudeiro que deseja entrar na ordem de cavalaria deve ser analisado por um outro cavaleiro, já que é vital que esse guerreiro reconheça a nobreza de coragem e dos bons modos dos aspirantes à cavalaria. Os jovens guerreiros devem amar e temer Deus, já que "sem amar e temer a Deus nenhum homem é digno de entrar na ordem de cavalaria, e o temor faz vacilar ante as faltas pelas quais cavalaria adquire desonra"⁸⁹.

A vida de escudeiro é essencial para se formar um bom cavaleiro. Sem o jovem ter aprendido os ensinamentos corretos ele não pode entrar na ordem da cavalaria. É durante esse tempo de vida que o pequeno guerreiro formará uma das qualidades mais vitais para o cavaleiro que é a coragem, já que é a partir dela que vai demandar toda a lealdade, justiça, caridade, esperança e outras virtudes.

Ramon afirma que vale mais um guerreiro que possua coragem do que um forte cavaleiro que corre da batalha e abandona o seu senhor. Além disso, ele deixa ressaltado que um escudeiro não pode possuir "defeitos" no corpo que possam comprometer a eficiência no trabalho, excluindo do ofício o:

Homem aleijado ou gordo e grande, ou que possua outro vício em seu corpo pelo qual não possa fazer uso do ofício de cavaleiro não deve estar na ordem da cavalaria; porque vileza é da ordem de cavalaria se recebe homem que seja debilitado, corrompido e incapaz de portar arnês. E é tão nobre e alta a cavalaria em sua honorificência que nem

⁸⁸ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. P.47

⁸⁹ Idem, *Ibidem*, 53

riqueza, nem nobreza de coração, nem de linhagem não bastam ao escudeiro que seja mutilado em algum membro.⁹⁰

Além de não possuir alguma deficiência, o escudeiro não deve ter a intenção de ser cavaleiro para se tornar “rico, para senhorar ou para ser honrado, sem fazer honra à cavalaria nem honra aos honrados”⁹¹. O indivíduo deve ter noção dos perigos destinados em seu trabalho e possuir um bom armamento, já que sem boas armas e riquezas um indivíduo não pode seguir na ordem da cavalaria por ter a tendência de cometer vícios contra a instituição através de roubo e traição.

Deste modo, o futuro guerreiro acaba sendo formado muitas vezes por um indivíduo da elite, já que uma boa educação e dinheiro são fundamentais para entrar na cavalaria. A linhagem e cavalaria se convêm e se concordam, fazendo com que os filhos dos cavaleiros continuem honrando o nome da instituição e logo acaba se excluindo da cavalaria o:

Orgulhoso escudeiro, mal ensinado, sujo em suas palavras e em suas vestimentas, com cruel coração, avaro, mentiroso, desleal, preguiçoso, irascível, embriagado, glutão, perjuro, ou que possua outros vícios semelhantes a estes não é conveniente à ordem de cavalaria. Logo, se cavalaria pudesse receber aqueles que são contra sua ordem, seguir-se-ia que ordem e desordenação seriam uma mesma coisa; logo, como cavalaria seja pura ordenação de valor, por isso deve ser examinado todo escudeiro antes que seja cavaleiro.⁹²

Após um longo período de ensinamento e treinos é chegado o momento em que o escudeiro deve receber a cavalaria através de diversos rituais. Convém-se inicialmente que o jovem confesse todos os seus pecados a Deus, desse modo ele “deve receber o corpo de Jesus Cristo segundo o que se convém”⁹³. A celebração inicia-se quando são reunidos diversos homens para que seja realizada uma oração a Deus pelo escudeiro, e que a vossa graça der a benção ao jovem leal à ordem da cavalaria.

Um dia antes da festa, o escudeiro deve jejuar e orar a Deus. Ele deve lembrar também que não pode escutar “jograis que cantam e falam de putarias e pecados, no

⁹⁰ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000, p. 63

⁹¹ Idem, *Ibidem*. p.59-60

⁹² Idem, *Ibidem*, P. 63-65

⁹³ Idem. *Ibidem*. p. 67

começo que entra na ordem de cavalaria começa a desonrar e a menosprezar a ordem de cavalaria”⁹⁴. No dia seguinte, através de uma missa cantada solenemente, o escudeiro oferece-se ao presbítero, para que seja servidor de Deus e “que se obrigue e se submeta a honrar e a manter a ordem de cavalaria em todo o seu poder”⁹⁵.

Na tentativa de demonstrar que seu ofício pertence à santa fé católica, Ramon aponta a necessidade de serem recontados os catorze artigos nos quais é fundada a fé, os dez mandamentos e os sete sacramentos da santa Igreja para o aspirante à cavalaria:

Os catorzes artigos são estes: crer num Deus é o primeiro artigo. Crer no pai e no Filho e no Espírito Santo são três artigos. E convém que o homem creia que o Pai e o Filho e o Espírito Santo sejam um Deus eternamente, sem fim nem começo. Crer que Deus seja criador de tudo quanto é, é o quinto. O sexto é crer que Deus seja recriador, isto é que tenha redimido a humana linhagem do pecado que Adão e Eva fizeram. O sétimo é crer em Deus dará glória a aqueles que estão no Paraíso. Estes setes artigos pertencem à deidade. Aqueles outros sete pertencem à humanidade, que o Filho de Deus tornou em nossa Dona Santa Maria, os quais setes são estes: crer que Jesus Cristo foi concebido do Espírito santo quando São Gabriel saudou Nossa Dona é o primeiro. Segundo é crer que Jesus Cristo tenha nascido. Terceiro é que tenha sido crucificado e morto para nos alvar. Quanto é que desceu a Sua alma ao inferno para salvar Adão e Abrãao e os outros profetas que creram em sua vinda antes que morressem. Quinto é crer que Jesus Cristo tenha ressuscitado. Sento é crer que tenha subido ao Céu no dia da Ascensão. Sétimo é crer que Jesus Cristo virá no dia Juízo, quando todos forem ressuscitados e julgará os bons e os maus. Todo home é obrigado a crer nestes catorzes artigos que são testemunhos de Deus e de Suas Obras; e sem estes artigos nenhum homem pode ser salvo.

Os dez mandamentos que Deus deu a Moisés no monte Sinai são estes: um Deus tão somente adorarás e servirás. Não sejas perjuro. Guardarás o sábado e honrarás teu pai e tua mãe. Não farás homicídio. Não fornicarás. Não farás latrocínio. Não farás falso testemunho. Não invejarás a mulher de teu próximo. Não terás inveja dos bens de teu próximo. A todo cavaleiro convém saber estes dez mandamentos para que sua ordem não seja desobediente aos mandamentos que Deus deu.

Os sete sacramentos da santa Igreja são estes: batismo, confirmação, o sacrifício do altar, a penitência que o homem faz de seus pecados, as ordens que o bispo faz quando faz presbíteros e diáconos e subdiáconos, matrimônio, unção. Por estes sacramentos nos havemos de salvar. E a honrar e a cumprir estes sete sacramentos é obrigado o

⁹⁴ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000.

p. 67

⁹⁵ Idem. *Ibidem*. p. 69

sacramento da cavalaria; e por isso, pertence a todo cavaleiro que saiba quais coisas seu ofício é obrigado.⁹⁶

Após a apresentação de todos os elementos religiosos, de pregar o presbítero e de outras coisas pertencentes à cavalaria, o príncipe ou alto barão, que também deve ser detentor de virtude da ordem da cavalaria para que seja passada ao escudeiro, que deseja transformar o jovem guerreiro em cavaleiro, deve se encontrar diante do altar no qual o escudeiro irá se ajoelhar e “cingir-lhe a espada, para significar castidade e justiça”⁹⁷. Esse ato é finalizado com um beijo no escudeiro, assim como uma bofetada para que ele se lembre da grande honra que recebeu ao entrar na ordem da cavalaria.

Simbolicamente o cavaleiro se mostra diante da sociedade para mostrar que ele é o novo protetor dessa gente e logo é realizada uma grande festa. É nela que o senhor, que fez o cavaleiro, vai oferecer o equipamento de batalha para que o guerreiro possa protegê-lo a partir daquele momento.

Toda a vestimenta do cavaleiro é constituída por um significado simbólico para que ele se lembre de seus atributos. A espada se assemelha à cruz, para que o cavaleiro destrua os inimigos da cruz com a espada:

“E porque a espada é cortante em cada parte, a cavalaria é para manter a justiça, e justiça é dar a cada um o seu direito, por isso a espada do cavaleiro significa que o cavaleiro com a espada mantém a cavalaria e a justiça.”⁹⁸

Ramon também atribui o significado de outros equipamentos do guerreiro: a lança significa verdade e o seu ferro demonstra que a força da verdade se sobressai à mentira. E a verdade é à base da esperança do cavaleiro. O chapéu de ferro simboliza a vergonha, já que os olhos do guerreiro estão em direção ao solo e o chapéu defende a cabeça que é a mais alta e principal região que existe no homem. A cota de malha significa castelo e muro contra vícios e faltas. As calças de ferro simbolizam que o guerreiro deve manter o caminho com ferro. Além disso, o esporar, gorjeira e a maça representam respectivamente, como sinal de esperteza, obediência e força de coragem.

⁹⁶ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. p. 69-71

⁹⁷ Idem. *Ibidem*. p 73.

⁹⁸ Idem. *Ibidem*. p. 77

O escudo é o símbolo que indica o ofício de cavaleiro e a sua imagem é reforçada através da utilização do cavalo que demonstra tamanha nobreza da coragem e a sua posição se convém acima do cavalo, assim como de outros guerreiros que estão abaixo dele. Tal grandeza é revestida pela segurança de coragem e carga da cavalaria da sela do cavalo. “E é grande a carga de cavalaria que por ligeiras coisas não se devem mover os cavaleiros”⁹⁹.

Além da necessidade de se ter um bom armamento, o cavaleiro ideal é aquele que possui bons costumes e bons ensinamentos. Deste, cabe o guerreiro a possuir os sete princípios que são raízes dos bons costumes: Fé, esperança, caridade, justiça, prudência e temperança. Todos esses elementos devem ser construídos a partir de um indivíduo que possua fé, já que é:

Pela fé que existe nos cavaleiros bem acostumados, vão os cavaleiros à Terra Santa de Ultramar em peregrinação e fazem armas contra os inimigos da cruz, e são mártires quando morrem para exaltar a santa fé católica. E pela fé defendem os clérigos dos malvados homens que por fraqueza de fé os menosprezam, e os roubam, e os desertam tanto quando podem.¹⁰⁰

O autor destaca rapidamente a importância dessas virtudes essenciais de um bom cavaleiro, afirmando que com a esperança “fortalece-se e retorna a coragem ao cavaleiro; e a esperança os faz suportar fome e sede nos castelos e nas cidades que defendem quando são assediadas”¹⁰¹. A Justiça se convém na cavalaria, já que “cavaleiro que faz injúria a si mesmo e é inimigo da justiça desfaz de si mesmo e renega e menospreza a ordem da cavalaria”¹⁰². A caridade “ajusta uma virtude com outra e separa um vício do outro”¹⁰³. A prudência é a “virtude pela qual o homem tem conhecimento do bem e do mal”¹⁰⁴. É desta prudência que gera a fortaleza de ter a “nobre coragem contra os setes pecados mortais”¹⁰⁵.

⁹⁹ LLULL, Ramon. O livro da Ordem da cavalaria. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. p. 83

¹⁰⁰ Idem. Ibidem. p. 98.

¹⁰¹ Idem. Ibidem. p. 91

¹⁰² Idem. Ibidem. p. 91

¹⁰³ Idem. Ibidem. p. 91

¹⁰⁴ Idem. Ibidem. p. 93

¹⁰⁵ Idem. Ibidem. p. 95

A partir de todos esses princípios, Ramon Llull ressalta como última parte de sua obra a honra que deve ser feita ao cavaleiro. A cavalaria é um trabalho honrado e necessário para o regimento do mundo, só aqueles escolhidos é que têm o direito de participar e de honrar essa instituição. Deste modo, o autor encerra afirmando que:

Muitas são as honrarias, os honramentos que pertencem ser feitos a cavaleiro; e quanto maiores são, mais encarregado é cavaleiro a honrar cavalaria. E porque nós havemos de a falar do livro que da ordem clerezia, por isso parliamo tão brevemente do *Livro da Ordem da Cavalaria*, o qual é findo à gloria e a bênção de Nosso Senhor Deus.¹⁰⁶

3.2- A contextualização para a construção de um bom guerreiro

A construção do ideal de cavaleiro por Ramon Llull é resultante da necessidade de se recuperar a imagem de prestígio que esse guerreiro possuía. É através do encontro entre o jovem escudeiro e o antigo cavaleiro, no prólogo, que o autor tenta demonstrar que os guerreiros das novas gerações durante a Idade Média haviam perdido os elementos de “caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo”¹⁰⁷. A imagem de um cavaleiro como amigo e protetor das pessoas indefesas não se perpetua da maneira correta na sociedade medieval, o que acaba sendo descrita muito bem por Georges Duby, afirmando que:

A sociedade medieval vive, morre e se diverte com uma grande brutalidade. Os camponeses preferem ver os cavaleiros partirem em cruzada ou matarem-se nos torneios a vê-los saquear as colheitas e espoliar os vilarejos. Pois grandes insegurança no ano 1000 é sustentada por esses bandos de cavaleiros, jovens nobres sem vínculos, obrigados a se lançarem à aventura para sobreviver.¹⁰⁸

A realidade que se tem nos séculos XI e XII é decorrente da extrema violência causada muitas vezes pelos próprios cavaleiros, sendo considerados pelos camponeses como os “agentes do demônio”. A tentativa de se controlar os cavaleiros já ocorre desde os meados dos anos 1000 com a chamada “Paz de Deus”, no qual foram reunidos os militares em assembleias sob a ordem dos bispos e príncipes que afirmaram que:

¹⁰⁶ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. p. 113

¹⁰⁷ Idem. Ibidem. p.13

¹⁰⁸ DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.98.

Se não quiserdes ser condenados, prestai juramento, engajai-vos, perante Deus e por vossa alma, a respeitar algumas proibições. Podeis matar-vos entre vós, mas não mais deveis, doravante, brigar nos arredores das igrejas, locais de asilo onde qualquer um pode refugiar-se. Não podereis brigar em determinados dias da semana, em memória à Paixão de Cristo. Nada de guerra na sexta-feira, portanto, nem no domingo. Além disso, não deveis atacar as mulheres, não as nobres, em todo o caso, nem os comerciantes, os padres e os monges.¹⁰⁹

Essa situação muda a partir do século XIII, onde a violência se tornou menos difusa e o risco que representava a cavalaria, passa a ser substituída por companhias de mercenários, soldados aventureiros ou fortes equipes que negociavam com os chefes de Estados. No entanto, o papel decisivo para o refreamento da violência pode ser atribuído pela Igreja que buscava restabelecer a paz na região.

A Igreja que, inicialmente, não via com bons olhos a cavalaria, tenta sem êxito controlar esses guerreiros através da paz e da trégua de Deus. No entanto, esse quadro muda em meados do século XI com uma reforma eclesiástica que culmina no Concílio de Clermont no ano de 1095. Através desse concílio, o Papa Urbano II será responsável por promover a primeira Cruzada e ela será detentora da prática da guerra justa, uma batalha com aspectos de guerra santa, cujos cavaleiros poderiam, através da batalha contra os infiéis, redimir as suas penas infringidas pelos seus pecados.

Tal responsabilidade social resultará na nascente ideologia cavaleiresca com os elementos da ética cristã e para isso, a Igreja enquadrará os cavaleiros através de seu armamento, afirmando que a espada que foi abençoada e depositada sobre o altar deveria ser utilizada para impregnar a justiça e eliminar infiéis, assim como um quadro de condutas que permitia esses cavaleiros relembrem quais são os seus princípios como guerreiros, assim como seus reais objetivos.

O interesse clerical pela investidura remete em controlar a cavalaria com a função guerreira “a serviço da Igreja”. Desse modo, a instituição cavaleiresca passa por sagrações, ritos litúrgicos e fórmulas de bênção da entrega das armas pela Igreja, fazendo com “o conjunto dos cavaleiros investidos constitui uma ‘ordem’: *ordo*”¹¹⁰

¹⁰⁹ DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 101.

¹¹⁰ BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Porto: Edições 70, 2001.

Quando a ti, agora que tu estás a ponto de ser feito guerreiro, lembra desta palavra do Espírito Santo: ‘Valente guerreiro, cinge tua espada’ (=Os.45:4); essa espada é de fato a do Espírito Santo, que é a palavra de Deus. De acordo com essa imagem, sustenta então a Verdade, defende a Igreja, os órfãos, as viúvas, aquelas que oram e aqueles que trabalham, ergue-te prontamente contra aqueles que atacam a Santa Igreja, a fim de que possas surgir coroadado, na presença do Cristo, armado com o gládio da Verdade e da Justiça..¹¹¹

A clericalização da investida será uma tendência bem explorada nos séculos XIII e XIV pelas obras didáticas que apresentam uma interpretação ética e espiritualizadora dos objetos utilizados nesta cerimônia. Dentro deste quadro e utilizando destes princípios, Llull estabelece essa relação a partir do momento que o “escudeiro deve vir diante do altar e deve se oferecer ao presbítero, que está no lugar de Deus, e à ordem de cavalaria, para tal que seja servidor de Deus”¹¹². E complementa que se “convém que obrigue e se submeta a honrar e a manter a ordem de cavalaria em todo o seu poder.”¹¹³.

É através do simbolismo que as armas apresentam e do ritual da investidura que Llull tenta criar um ideal guerreiro conhecedor de sua tarefa de serventia militar e, assim como religiosa, através da espada que se assemelha à cruz e com ela deve ser combatido os inimigos, criando deste modo a imagem da cavalaria como mantedora da justiça. Sendo assim, a influência do poder da Igreja difundida através de diversas obras, resulta em um cavaleiro que:

Não mais poderia simplesmente adentrar em batalhas e combates apenas pelo seu interesse, devendo por juramento a Deus e a seus pares um conjunto de fidelidades e respeitos a regras que legitimassem sua atuação em cada derramamento de sangue. Um movimento de paz, que se dedicava a canalizar a violência para torná-la cada vez mais rara e com poucas baixas.¹¹⁴

Outro elemento resultante na violência na Idade Média e condenada pela Igreja é fruto dos torneios que eram esportes excitantes para os cavaleiros, mas que ao mesmo tempo eram cruéis. Essa realidade foi muito bem descrita por Duby, que afirma que

¹¹¹ FLORI, Jean. *A cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p.44.

¹¹² LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. p. 67

¹¹³ Idem, *Ibidem*, p.67-69

¹¹⁴ BRITO, Ewerton Matheus Menezes. *O conceito de violência na obra “De la excelencia de la nueva milicia” (1132-1136)*. 2015, p.33.

esses torneios eram: “Duas multidões vociferantes que se lançavam uma contra a outra e que apenas pensavam em apoderar-se, pela força do adversário, de seus cavaleiros, de suas armas. Elas se batiam violentamente.”¹¹⁵.

Mesmo sendo uma atividade discutida pela Igreja, Ramon Llull acredita que os torneios devem ser um dos ofícios da cavalaria, afirmando que essa tarefa é essencial para fazer o cavaleiro acostumar-se com a utilização das armas, assim como manter a ordem da cavalaria: “Cavalgar, justar, lançar a tábua, andar com armas, torneios, fazer tábuas redondas, esgrimir, caçar cervos, ursos, javalis, leões, e outras coisas semelhantes são ofício de cavaleiro”¹¹⁶. Mesmo se contrapondo à proposta da Igreja, esse ideal de Llull se remete a uma realidade diferente do que se foi construído de uma imagem violenta proporcionada pelos torneios.

Mesmo não sendo o foco desta pesquisa, é preciso entender que o quadro que se tem dos torneios corresponde a épocas variadas dos séculos XI ao início do XIII e os séculos XIII ao XV. O surgimento deste esporte pode ser atribuído através “do método de ataque com a lança deitada e os progressos do armamento defensivo”¹¹⁷. Até ao início do século XIII o torneio para a cavalaria é um esporte coletivo que ao invés de matar, possuía o objetivo de vencer, capturar, ganhar e conseguir experiência. Além disso:

Os próprios cavaleiros ou antigos cavaleiros sabem apreciar a qualidade das fases táticas e o peso das iniciativas pessoais; eles logo se tornam especialistas indispensáveis; conhecem os participantes, sabem distingui-los apenas por seus brasões, que são desenvolvidos nessa mesma época, cada vez mais necessários com o fechamento progressivo do elmo. Eles anunciam, comentam seu comportamento, avaliam, criticam, fazem elogios.¹¹⁸

A imagem dos torneios muda a partir do início do século XIII graças à proibição da Igreja em torno do século XII com o concílio de Clermont, que afirmava que o esporte desvirtuava o cavaleiro de sua verdadeira tarefa de defender a santa fé, assim

¹¹⁵ DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.100.

¹¹⁶ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. p. 29

¹¹⁷ FLORI, Jean. *A cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p.99

¹¹⁸ Idem, *Ibidem*. p.103.

como condenava a violência e mortes, que por muitas vezes era resultantes por cavaleiros “enlouquecidos” que acreditavam estar em uma guerra de verdade.

Mesmo com a proibição, a utilização dos torneios passa por mudanças conforme o interesse militar de reis como os ingleses, que retornaram com os torneios fiscalizados e afirmavam que eram necessários para treinar os seus cavaleiros para combaterem os franceses. Mas o que se destaca é a existência de torneios a partir da visão romantizada de um rei poderoso que oferece sua filha para o vencedor do torneio. Enquanto os vencedores desses eventos conseguem ascender socialmente e economicamente, os vencidos podiam perder o cavalo, armadura e até mesmo se endividar.

É a partir do século XIII, vivido por Ramon Llull, que os torneios ganham um caráter mais social com a convivência entre cavaleiros sem fortunas com outros guerreiros mais ricos e experientes, nascendo deste modo, o companheirismo guerreiro. Não é a toa que Llull aprova os torneios por serem ótimos meios de propagação de usos, costumes, virtudes, ideais, linguagem e sinais do mundo da cavalaria entre o cavaleiro com uma maior formação e princípios e um iniciante na ordem.

É com o reforço dos torneios que se auxilia na construção de um bom e ideal cavaleiro. A minimização da violência por parte desses guerreiros constrói aquilo que deve ser um verdadeiro cavaleiro para o Ramon Llull, um indivíduo com caridade, verdade, justiça e principalmente ensinamento. Este último reflete através de uma boa educação quando o futuro cavaleiro é adolescente, e para isso ele afirma a necessidade de que o escudeiro seja uma pessoa letrada e aprenda a doutrina de letras e das altas ciências para que compreendam os princípios da cavalaria.

Esta exigência estabelecida por Llull ocasiona em um desenvolvimento da cavalaria por uma classe mais restrita, já que o domínio da educação só era possível para uma classe mais elevada, principalmente entre a família dos cavaleiros e a nobreza. Mas isso não significava a exclusão completa de uma pessoa de classe baixa na cavalaria, já que existe a possibilidade de ascensão através do próprio esforço:

Esta sociedade fechada está repleta de adolescentes que se aprestam a ascender a cavaleiros. A instrução dirige-se em primeiro lugar a essa parte turbulenta da companhia cortês, a “juventude”. Tais jovens, tais donzéis aprendem segundo os antigos, a maneira de acoisa a caça, de combater. Mas no intervalo destes exercícios físicos, eles aprendem a

porta-se bem escutando narrativas anedotas exemplares, ilustrações do sonho que a boa sociedade persegue pelo seu próprio lado. Situando este sonho em dois planos, ou absolutamente fora do real, na ficção, no imaginário, ou então numa trama de fatos vividos, na memória verdadeira, na história.¹¹⁹

Este esforço por parte da classe baixa em ascender à cavalaria é uma das preocupações estabelecidas por Llull, isto porque os ensinamentos e costumes desenvolvidos por esses guerreiros nem sempre estão de acordo com as normas da cavalaria. Ao invés de se encontrar um indivíduo detentor de princípios, virtudes e acima de tudo coragem e honra, abre-se espaço para alguém que só deseja se tornar rico ou para ser honrado, sem nem fazer honra a ordem.

Uma vez almejando esses ideais que o Ramon repudia, o cavaleiro esquece seus princípios de fé, esperança, caridade, justiça, prudência, fortaleza e temperança, e comete os sete pecados de gluttonia, luxúria, avareza, acídia, soberba, inveja e ira. A união das virtudes e o repúdio dos vícios é uma das marcas da arte luliana e exigida pelo ideal cavaleiro. Além disso, sua arte também é marcada em sua obra que está sendo estudada nesse trabalho através da influência divina, já que é necessário que o cavaleiro conheça e ame Deus, mas que o mesmo tempo esse indivíduo deva temer essa força suprema. Além disso, a presença divina é explicada por toda a devoção que Ramon possui, e que deveria ser perpassada para as pessoas e principalmente para os cavaleiros após a sua conversão, e este agradece no prólogo da obra ao: “Deus honrado, glorioso, que sois cumprimento de todos os bens, por vossa graça e vossa bênção começa este livro que é a ordem da cavalaria”¹²⁰, assim como finaliza “à glória e à benção de Nosso Senhor Deus”¹²¹.

Além de defender a santa fé católica, Llull ressalta que o “ofício de cavaleiro é haver castelo e cavalo para guardar os caminhos e para defender os lavradores”¹²², assim como “manter e defender o senhor terreno”¹²³. A característica de ideia de serviço é um dos aspectos constituidores do ideal cavaleiro proposto por Ramon. Muitas vezes esses guerreiros são alimentados e alojados no castelo ou em suas dependências do seu

¹¹⁹ DUBY, Georges. *O cavaleiro a mulher e o padre*. P.154

¹²⁰ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. P. 3

¹²¹ Idem. *Ibidem*. p. 113

¹²² Idem. *Ibidem*, p. 29

¹²³ Idem. *Ibidem*, p. 29

senhor, constituindo o papel de guarda e fazendo tarefas de proteção, escoltas, ataques e até mesmo intimidação.

Além de cumprir com seu ofício, este guerreiro deve ter acima de tudo coragem e lealdade com o seu senhor em primeiro plano, repudiando desse modo o cavaleiro traidor que deve ser condenado e executado por outro cavaleiro para se manter a ordem da cavalaria, que segundo Lull, prova que esta instituição possui um código de honra que deve ser seguido. Ressalta-se que Ramon não faz alguma menção a respeito dos cavaleiros mercenários que servem mediante remuneração em dinheiro ou com “benefícios” sob contrato de um rei, senhor ou mestre de casa, o que pressupõe que o castelhano não considera essa atividade viável como o ideal para um cavaleiro, já que ao mesmo tempo em que esse guerreiro pode servir a esse senhor, na próxima vez o seu superior pode ser morto por ele a pedido de outra pessoa.

O que nota-se na construção do cavaleiro em sua obra, é que a noção da cavalaria remete a ideia de serviço tanto militar quanto religiosa, não a de uma classe social. No período que a obra foi escrita, a cavalaria está difundida junto com a nobreza na aristocracia medieval, essa aproximação dos cavaleiros com a nobreza não é vista com bons olhos para Ramon, já esse é um dos motivos que fizeram com que a cavalaria perde-se a sua função na Idade Média.

Mesmo que a instituição cavaleiresca tivesse crescido e ganhado prestígio frente à nobreza que decide incorporar seus aspectos, Lull ressalta que os cavaleiros devem saber qual a sua posição na sociedade, estabelecendo uma hierarquia de que o guerreiro está abaixo do seu senhor. Flori argumenta que “o que os distingue, na sociedade, é muito mais a natureza de seu serviço e a posição daqueles a quem servem; a posição, também daqueles que eles dominam.”¹²⁴.

O que só pode concluir a partir do que foi explorado nesta sessão é que cavalaria idealizada por Ramon é fruto de uma instituição que se havia perdido os seus elementos de Glória e honra conquistado no período das cruzadas. Mas essa queda pode ser explicada pela decadência da funcionalidade militar que esses indivíduos possuíam,

¹²⁴ FLORI, Jean. *A cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p.99

principalmente com a chegada das armas de fogo no século XIV, que diminuiu a presença dos guerreiros a cavalo por questões de estratégia.

Com a diminuição do seu papel na sociedade medieval, restaram-se muitas vezes os torneios para serem exercidos os valores de honra e coragem, além do cavaleiro procurar cada vez mais se enquadrar na ordem da nobreza. Isto porque a cavalaria deixa de ser um simples regimento militar para se tornar um sinônimo de nobreza e paradigma de vida aristocrática no século XII através do momento que os grandes senhores se cercavam de combatentes especializados e que ficavam mantidos no castelo. Aos poucos esses cavaleiros foram absorvidos pela aristocracia que defendiam. Deste modo, ser cavaleiro não significava somente ser um guerreiro a cavalo, mas um membro reconhecido da aristocracia e detentor de normas éticas e disciplinares. A partir do momento que esses guerreiros se aproximavam da nobreza:

Era evidente que a cavalaria, nas suas inúmeras variantes, estava a transformar-se num estrato inferior, por vezes mesmo ínfimo, de uma aristocracia em crise, na medida em que os alicerces do seu poder e do seu prestígio — a terra e as armas — já não se mostravam à altura de um tempo dominado pelos planos cada vez mais centralizadores das monarquias feudais que se preparavam para se tornar absolutistas (ou, em Itália, para se transformarem em estados regionais) e pela economia monetária gerida por banqueiros, mercadores e empresários que gostavam da pompa cavaleiresca (e das prerrogativas civis correspondentes) e das insígnias heráldicas, mas que não sonhavam certamente fazer delas base de vida e, muito menos, combater.¹²⁵

A presença da violência, mesmo que minimizada, a queda da funcionalidade da cavalaria e a aproximação com a classe da nobreza são fatores que podem explicar a tentativa de Ramon Llull reerguer a instituição cavaleiresca a partir dos códigos de conduta que um ideal guerreiro deveria apresentar e reconquistar os seus tempos de Glória. A tentativa de inculcar valores ético-religiosos na instituição da cavalaria não é uma novidade no tempo vivido por Llull, outros pensadores irão se utilizar dessa mesma base, o que auxiliará na compreensão do guerreiro idealizado por Ramon no século XIII.

3.3- O estabelecimento do ideal de cavaleiro por Llull e Claraval

¹²⁵ CARDINI, Franco. *O guerreiro e o cavaleiro*. In: *O homem medieval* (org. GOFF, Jacques le). Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.76.

Além do contexto histórico vivido por Ramon Llull, a construção de seu ideal cavaleiro pode ser estudada e comparada através de outros tipos de ideais desenvolvidos ao longo da Idade Média. Como já dito no primeiro capítulo, a produção das normas e condutas dos cavaleiros foram passadas por diversas formas de textos escritos e orais e será através de um desses escritos, que irá surgir um pensador no século XII responsável pela construção de outra idealização do guerreiro medieval, contribuindo deste modo, na possibilidade da percepção analítica do guerreiro construído por Llull, através de suas semelhanças e diferenças.

A violência na Idade Média, que já foi trabalhada em alguns parâmetros neste capítulo, será uma das responsáveis pela construção dos chamados Cavaleiros de Cristo. Estes guerreiros pertenciam a Ordem dos Templários, uma organização criada em meados do século XII, após a vitória cristã na primeira grande Cruzada e que expandiram suas atividades, tornando-se uma organização de prestígio.

Esses guerreiros possuíam como objetivo, a proteção dos cristãos que sofriam com as ameaças e ataques dos muçulmanos e invasores, oferecendo deste modo, assistência aos peregrinos que buscavam a Terra Santa. Além de serem contratados pela alta aristocracia, eles “recrutavam membro da nobreza para ingressarem em suas fileiras, seu serviços militares foram regiadamente recompensados com doações de terras e propriedades, por toda extensão da Península.”¹²⁶.

O responsável pela criação de regras para essa organização foi, o monge cisterciense Francês, Bernardo de Claraval. Nascido de família de cristã e nobre, e detentor de sabedoria e persuasão, Bernardo dedicou-se a vida religiosa e passando a ser um dos fundadores do Mosteiro da Ordem de Cister, assim como mais de setecentos centros religiosos pela Europa. No entanto, um dos seus maiores legados difundidos foi a influência do seu pensamento que premiou por toda a Baixa Idade Média, como a divulgação de uma nova concepção do *Miles Christi*, assim como da cruzada através de obras como *Do Louvor da Nova Militia* (1130), que visava a aproximação entre a contemplação monástica com a guerra secular.

¹²⁶ SILVA, Ademir Luiz da. *O ideal cavaleiresco de São Bernardo em A Demanda do Santo Graal*. In: COSTA, Ricardo da (coord.) *As relações entre História e Literatura no Mundo Antigo e Medieval*. 2011, p. 28.

O objetivo aqui não é explorar ao máximo a percepção de Claraval a respeito do seu ideal cavaleiro, mas apontar algumas de suas características que possibilitem na análise comparativa e distintiva com o cavaleiro idealizado por Ramon Llull.

Claraval será responsável pela criação de regras para a cavalaria, assim como na idealização do perfeito guerreiro cristão que era símbolo da transformação monástica à prática militar. Esses guerreiros seriam, por sua essência, indivíduos que dedicam o seu tempo em orações e práticas monásticas, mas que ao mesmo tempo estavam em contato com as armas e na capacidade militar, garantindo deste modo, a sua purificação e a sua eficiência no campo físico, mental e militar.

A construção desse ideal cavaleiro é documentado através do texto *De la excelencia de la nueva milícia* publicado no início do século XII e nela é elaborada:

Uma complexa rede de significados, normas e condutas que os verdadeiros monges-guerreiros deveriam seguir, não apenas mais para garantir a preservação de seu direito ao Reino do Céu, mas para entender suas capacidades como combatentes do inimigo da fé da Igreja, desenvolvendo um ideal bastante específico de guerreiro cristão. Os Templários deveriam ser indivíduos que precisariam coexistir em suas funções, a de pregador e a de guerreiro gerenciando seu tempo buscando o melhor aperfeiçoamento de ambas.¹²⁷

Além de ser abio no combate e se dedicar às práticas monásticas, o guerreiro não deveria sentir remorso ou dor na consciência ao matar. Este seu “tom filosófico e espiritual, porém com fins práticos que Bernardo concebe a cosmovisão dos templários.”¹²⁸, já que a eliminação do “infiel” garante a proteção dos espaços sagrados para o cristianismo e que tal conexão entre espaço físico e o divino era muitas vezes dada através das cruzadas.

Bernardo ressalta o clamor pela batalha que um cavaleiro passa, tal amor pode ser justificado pela ausência do temor em morrer no campo de batalha, já que esses templários aspiravam à morte como uma das maiores recompensas já recebidas em serviço, já que acreditavam que a morte em batalha os levaria para o reino de Deus e que suas almas estariam salvas. Tal pensamento de salvação fazia com que os

¹²⁷ BRITO, Ewerton Matheus Menezes. *O conceito de violência na obra “De la excelencia de la nueva milícia” (1132-1136)*. 2015, p.57.

¹²⁸ Idem, *Ibidem*. p.60

templários, exemplos de guerreiros cristãos, mantivessem o seu foco no campo de batalha, eliminando os seus inimigos e seguindo as ordens e interesses da Igreja.

“Os Templários seriam uma força militar que não se importariam com a beleza, glórias, terras ou riquezas, rejeitando qualquer característica que o atrapalhasse em batalhas ou efeminasse seu corpo, como cabelo longos, jóias e vestimentas, trajando roupas simples, como pessoas humildes e treinando constantemente para melhor aperfeiçoar sua função. Viver para o combate e adoração, esse era o mais profundo desejo de Bernardo de Claraval para os Cavaleiros Templários.”¹²⁹

Bernardo considerava os cavaleiros laicos como pecadores por não seguirem o ideal de cavaleiro obediente ao seio da Igreja. A dificuldade para subordinar esses indivíduos a cumprirem o seu dever fazia com que eles obtivessem duas escolhas para continuar sobrevivendo: “permanecer na desobediência e ser punido após sua vida terrena ou cruzar o campo de batalha a favor da Igreja na Terra Santa, onde conquistara a purificação de sua alma.”¹³⁰.

Claraval satirava a imagem do belo cavaleiro leigo como um cavaleiro que galopava por prados em flor em direção à condenação eterna, já que esses indivíduos possuíam: “as mãos macias ocultas por luvas de ferro, os belos cabelos, bem penteados, cobertos pelo elmo cinzelado, (...) com luxuosas sobrevestes de seda colorida ou bordada e o grande escudo amendoado bem pintado.”¹³¹. O templário seria um indivíduo que:

Não cuida dos cabelos, que usa rapados em sinal de penitência e para melhor colocar o elmo; não tem o rosto macio e liso," mas ostenta uma barba desgrenhada (segundo um costume oriental, mas não seguido pelos ocidentais); não enverga roupas coloridas nem armas cinzeladas, visto a regra o proibir de usar dourados e ornamentos; caça apenas animais ferozes, na medida em que esse exercício — para além de ser símbolo da *pugna spiritualis*, dado que, na ciência alegórica da época, as feras são frequentemente símbolo e figura do demónio — lhe é também útil para a guerra; é temível como um leão, para os inimigos, mas é doce como um cordeiro, para os cristãos.¹³²

¹²⁹ BRITO, Ewerton Matheus Menezes. *O conceito de violência na obra “De la excelencia de la nueva milicia” (1132-1136)*. 2015, p.61-62.

¹³⁰ Idem. *Ibide*, p.63.

¹³¹ CARDINI, Franco. *O guerreiro e o cavaleiro*. In: *O homem medieval* (org. GOFF, Jacques le). Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.65.

¹³² Idem. *Ibidem*, p.65.

É através do monge-guerreiro que Claraval construiu os “tranquilos soldados de Cristo”, que combatiam “de nenhum modo temerosos quer de pecar por abater o inimigo, quer do perigo duma morte violenta”¹³³

Esse híbrido de guerreiro e homem de fé, não constituía um contra-senso ao espírito cristão. Jesus não proibiu seus apóstolos de levarem espadas ou condenava o ofício de centurião romano. Muitos santos medievais, incluindo o próprio Bernardo, exerceram funções militares.¹³⁴

Através dessa seleção de características do ideal cavaleiro estabelecido por Claraval, é possível analisar as mudanças do guerreiro produzidas por Ramon Llull. Inicialmente é preciso lembrar que esses dois pensadores estão centrados em realidades distintas, um vive no século XII, o período das cruzadas, enquanto outro vive e elabora no final do século XIII, outro tipo de ideal cavaleiresco já próximo do fim destas expedições.

O que Ramon Llull e Bernardo de Claraval queriam construir a partir das regras da cavalaria, seria uma instituição que estivesse voltada para os interesses da Igreja através de armas, que possuíssem um significado ético e religioso da mesma ordem. Claraval idealizou a formação dos Cavaleiros de Deus através de indivíduos que estariam centrados em somente dois tipos de atividades: a arte religiosa e a arte da guerra. Ser corajoso e fiel não bastava para entrar nessa instituição, era necessário que o guerreiro fosse devoto através da criação do *Miles Christi*. Ou seja;

Uma cavalaria guiada por uma linha ideológica moderada, de maior alcance temporal, sacralizada por meio de rituais controlados pela Igreja e guiada por preceitos éticos e normas comportamentais bem definidas¹³⁵.

¹³³ CLARAVAL, Bernardo. *Livro Para o louvor da Nova Milícia*. Lisboa: Manuel A. Pacheco, 1990. P.03.

¹³⁴ COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando A. dos. “O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria”. In: *Mirabilia* 10, jan-jun 2010. p 147-150.

¹³⁵ COSTA, Ricardo da. “Há algo mais contra a razão que tentar transcender a razão só com as forças da razão?": a disputa entre Bernardo de Claraval e Pedro Abelardo”. In: *Anais do X Seminário*

A relação entre guerra e religião se torna mais branda no ponto de vista de Ramon Llull, o cavaleiro deve ser conhecedor da simbologia religiosa que seu armamento possui, mas ele exalta outras funcionalidades que o guerreiro deveria cumprir, havendo a necessidade de que ele fosse honrado, corajoso e fiel com seu senhor e protetor dos indefesos, além de:

Cavalgar, justar, lançar a tábua, andar com armas, torneios, fazer távulas redondas, esgrimir, caçar cervos, ursos, javalis, leões e as outras coisas semelhantes a estas que são ofício de cavaleiro; pois por todas essas coisas se acostumam os cavaleiros a feitos de armas e manter a Ordem de Cavalaria. Ora, menosprezar o costume e a usança disso pelo qual o cavaleiro é mais preparado a usar de seu ofício é menosprezar a Ordem da Cavalaria.¹³⁶

Esta nova ideologia cavaleiresca instituída por Llull também demonstra que estes cavaleiros estariam livres de cumprir certos rituais típicos da *Miles Christi* e que eram considerados aspectos de veleidades da cavalaria secular. A exigência de se caçar, de acordo com o texto *Do Louvor da Nova Milícia* de Claraval, animais ferozes, como o leão, na tentativa de provar a sua coragem, não aparece da mesma maneira no *O Livro da Ordem da Cavalaria*, que permite ao cavaleiro que aprimore suas habilidades em combate caçando diversos tipos de animal, de maior ou menor ferocidade: “caçar cervos, ursos, javalis, leões”¹³⁷.

A percepção que os guerreiros de Claraval tinham em relação a Deus e a morte é que elas não deveriam ser temidas, já que o cavaleiro sabia que todo o seu esforço em proteger a santa Igreja resultaria em sua salvação ou na diminuição de suas penas causadas pelo pecado. Llull já acreditava que todo guerreiro deveria temer a morte, mas principalmente amar e temer a Deus. Sua salvação consistia nas tarefas cumpridas dia a dia como guerreiro, sabendo honrar a ordem, assim como proteger o seu senhor, a Igreja, a população e cumprir com seus deveres como um bom cavaleiro.

Internacional: Filosofia e Educação – Ideias, Ideais, História, evento organizado pelo Centro de Estudos Medievais – Oriente & Ocidente (CEMOrc EDF-FEUSP). 2010, p. XXXI.

¹³⁶ LLULL, Ramon. *O livro da Ordem da cavalaria*. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. p. 29

¹³⁷ Idem. *Ibidem*. P. 29

É notável que a preocupação da Igreja com a violência foi fundamental para a construção de uma ideologia cavaleiresca baseada na moral cristã e foram impregnadas principalmente através das Cruzadas. Na tentativa de valorizar o ideal de Cruzada, Ramon Llull produz o seu cavaleiro através de uma conservação da tradição, mas com mudanças de perspectivas. Se para Claraval a cruzada teria um teor guerreiro e tal cavaleiro não deveria temer em abater o seu inimigo, Llull acreditava que ela deveria ser missionária¹³⁸ e estabelecendo um diálogo com os infiéis. Era vital que houvesse a necessidade de se utilizar as armas para conter o avanço dos pagãos pela defesa da fé cristã, mas o guerreiro precisava comportar-se de maneira adequada ao seu posto e aplicar o que Ramon queria através de sua arte, que era a necessidade de se converter os infiéis.

Foi através do:

Novo e pragmático ideal cavaleiresco, que surgia sonhava reviver a ideologia da cruzada, mas na prática, realizava a expansão marítima. Um empreendimento no qual a missão espiritual, o combate aos mouros, era abertamente secundária em relação à busca por riquezas no além-mar. Muitas vezes seria preciso dialogar e comercializar com o inimigo. A lógica do jus bellicum, a guerra justa contra os pagãos, já não é mais absoluta. Lúlio, um feroz combatente de qualquer pensamento não cristão, longe de ser um defensor intransigente da cruzada, estava entre os que acreditavam na conversão dos mouros por meio da razão¹³⁹

¹³⁸ É importante ressaltar que em meados do século XIII, a cruzada guerreira não era mais praticada os moldes dos séculos anteriores

¹³⁹ LIBERA apud SILVA In: A Távola Redonda E A Nova Cavalaria De Raimundo Lúlio. 2013 p. 218

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados expostos ao longo deste trabalho, nota-se primeiramente que Ramon Llull é um homem frente o seu tempo, diante de um período marcado por inúmeras transformações na sociedade medieval mediante a expansão do Islamismo. Diante destes aspectos, Llull se tornou um pensador possuído por um espírito disposto a morrer por Deus e a realizar a sua missão de difundir o catolicismo através da conversão dos infiéis.

O empenho em dedicar a sua vida ao serviço de Deus se deu graças ao contato direto com essa força divina que possibilitou no entendimento racional das coisas do mundo através do desenvolvimento da chamada *Arte Luliana*, que apresentava um sistema que possibilitava a resolução de qualquer problema específico e principalmente, investigar o mundo através da verdade de Deus.

A geração de um novo sistema de pensamento gerado por Llull e que se possibilita conhecer e amar Deus; formular e resolver questões; unir-se às virtudes e os vícios, e poder adquirir outras ciências, tinha como objetivo central de tentar resgatar a influência da Igreja através do ato da conversão gerada pela revalorização do ideal de cruzada e conseqüentemente do fortalecimento da fé cristã. Este ambiente é reflexo de um espaço urbano que crescia gradativamente, além do surgimento das universidades que permitiram a difusão dos pensamentos de intelectuais que passavam a questionar a estrutura da Igreja.

A difusão de pensamento de Ramon Llull através da sociedade e nas universidades se iniciará em 1274 com a geração de inúmeras obras escritas que focalizavam temas diversos e foram desenvolvidas ao longo de quatro fases (pré-artística, quaternária, terceira fase e pós-artística) correlacionadas a produção de sua arte. Seu objetivo de voltar aos tempos de cruzada irá tomar fôlego somente em 1292 com a publicação do *Livro da passagem* (1292), o *Livro do fim* (1305) e o *Livro da aquisição da Terra Santa* (1309). Essas três obras se tornarão referências no que se refere à tentativa de empreender as chamadas Cruzadas sob a influência dos pensamentos do Papa Gregório X (1210-1276).

A constituição das obras dedicadas totalmente a essas atividades só faria sentido se houvesse a intervenção de um grupo de indivíduos que realizassem da maneira prática o ideal função das cruzadas, e para isso Ramon Llull vai fornecer uma idealização de guerreiro que possa exercer as suas verdadeiras funcionalidades militares. O fornecimento de uma “identidade” reformulada da cavalaria por Llull também é resultante da necessidade de se restaurar uma imagem obscurecida formada por esta Ordem ao longo dos séculos.

Desde o final do século XII a cavalaria passou por inúmeras transformações, a aproximação com a nobreza e conseqüentemente da formação de uma nova aristocracia, resultou em diversas críticas por parte de diferentes grupos sociais. Se por um lado a nobreza sofria com a violência destes guerreiros que se transformavam em exército de mercenários, do outro lado temos a Igreja que condenava algumas práticas guerreiras, como os torneios, além de denunciar o não cumprimento de sua missão.

Diante de tal problemática a Igreja vai tentar, a partir do século XI, moldar a cavalaria através de um código ético gerado pela literatura clerical. Dois modelos de ideologias cavaleiresca serão oferecidos pelos eclesiásticos e difundidos pela sociedade medieval: um modelo mais antigo e radical que terá seu maior representante Bernardo de Claraval, cujo pensamento creditava na utilização da violência sem remorso; e o outro modelo que reconhecia a violência sob meio lícito de fim, legitimando a função da cavalaria e a submetendo a uma reforma com corrente ideológica sob os pensamentos da *militia Petri* proposta pelo papa Gregório VII (1073-1085).

Ramon Llull pertencerá à segunda linha de pensamento de uma cavalaria sob uma corrente de ideais e normas sempre cumpridas, será através da obra *O livro da Ordem da Cavalaria* que iluminará o caminho dos novos e antigos pretendentes à Ordem da Cavalaria, expondo uma série de valores espirituais, morais e éticos, tornando a sua obra com caráter missional. O autor possuía como objetivo, desde o prólogo, recuperar a moral cavaleiresca e seus momentos de glória através da presença do caráter nostálgico, cujos cavaleiros eram, sobretudo, defensores dos homens despossuídos, mulheres e clérigos. Deste modo, esses guerreiros iriam cumprir a missão divina de divulgar e instruir a fé cristã para os infiéis, além de se impor perante o Islã.

Os guerreiros que deveriam empunhar a “bandeira da Salvação” eram selecionados conforme a presença de determinadas características essenciais para a formação do ideal cavaleiro: um indivíduo puro que aspire virtudes e repudia os vícios, possua nobreza de coragem, além de nobres ideais. A presença de tais virtudes é transmitida através de suas armas a fim de proteger a Igreja, a população indefesa, tornando o guerreiro um escudo de seu senhor e principalmente para o combate dos infiéis.

A sistematização do conhecimento é uma das preocupações do autor para a transmissão dos elementos que um guerreiro deve aprender, tendo em vista que o mesmo critica o fato de ela não ser ensinada em escolas ou em outros livros, como outros tipos de ciências. Deste modo, o autor escreve o *Livro da Ordem da Cavalaria* servindo como um manual que sinaliza qual o caminho que um futuro guerreiro aspirante à cavalaria deve aprender e mesclando com a revalorização de virtudes perdidas por esta Ordem.

Tal escrito será marcado pela penetração de uma mentalidade religiosa na formação da moral cavaleiresca, tal aproximação é exposta por Llull ao afirmar que a função dos clérigos e cavaleiros era a mais nobre e honrada de todas, além de realizar várias comparações do ofício de cavaleiro com os eclesiásticos sobre a norma e conduta destes indivíduos serem dedicadas à devoção, algo que os aspirantes da Ordem da Cavalaria deveriam possuir.

Todas as características de um ideal cavaleiro no *Livro da Ordem da Cavalaria*, e já expostos durante este trabalho, provam o objetivo de Ramon Llull em tentar reestruturar uma das maiores ordens da sociedade medieval. Seu modelo de cavaleiro será um dos mais aceitos e difundidos no atual continente europeu, e foi através dessa idealização de soldado perfeito que Llull poderia concretizar um de seus maiores desejos, após a conversão e devoção a Deus, de dedicar sua vida a Deus através da conversão dos infiéis ao catolicismo. A mediação do cavaleiro através do diálogo ao invés da violência, se contrapondo aos pensamentos de Bernardo de Claraval, será crucial na tentativa de se empreender as chamadas Cruzadas missionais, uma vez que as militares já haviam terminado, reordenando deste modo a Ordem da Cavalaria.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fonte

LLULL, Ramon. **O livro da ordem da cavalaria**. São Paulo: Editora Giordano, 2000.

LLULL, Ramon. **Arte Breve**.1308

CLARAVAL, Bernardo. **Livro Para o louvor da Nova Milícia**. Lisboa: Manuel A. Pacheco, 1990.

Bibliografia

AMORIM, Aluizio Batista de. **Elementos de sociologia do direito em Max Weber**. Florianópolis: Insular, 2001.

BARBOSA, Katiúscia Quirino. **A imagem do cavaleiro ideal em Avis à época de D. Duarte e D. Afonso V. (1422-1481)**. 2010

BASCHET, Jérôme. **A Civilização feudal: Do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BRÉHIER, Émile. **História da filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1977 e 1978.

BEND. Judith Janoska. **Max Weber y la sociologia de la História**. Buenos Aires: SUR, 1972.

BLOCH, Marc, **A sociedade feudal**. São Paulo: Editora 70.

BRITO, Ewerton Matheus Menezes. **O conceito de violência na obra “De la excelencia de la nueva milicia” (1132-1136)**. 2015,

CARDINI, Franco. **“O Guerreiro e o Cavaleiro.”** In: LE GOFF, Jacques. **O Homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

COSTA, Ricardo. **A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull.** Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>.

COSTA, Ricardo da; SANTOS, Armando A. dos. “**O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria**”. In: *Mirabilia* 10, jan-jun 2010

DUBY, G. **A Sociedade Cavaleiresca.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998,

DUBY, Georges. **O cavaleiro a mulher e o padre.**

FERNANDE, Raúl Cesar Gouveia. **A formação do cavaleiro: Perceval ou O Conto do Graal.** In: *Mirabilia* 4, COSTA, Ricardo da (coord.), 2005.

FLORI, Jean. **A cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média.** São Paulo: Madras, 2005.

FREUD, Julien. **Sociologia de Marx Webel.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média.** São Paulo: Ulisseia, 1985.

LEMOS, Tatyana Nunes. **O Nobre e o “pobre” cavaleiro: duas perspectivas lulianas.** Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2752244>.

GOFF, Jacques Le e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** Vol I. Bauru/São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial, 2002.

GOFF, Jacques Le. **A civilização do ocidente medieval.** Bauru, SP: Edusc 2005

LOYN, Henry R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MACHADO, Maérli. **A sociologia compreensiva de Max Weber**.

PRING-MILL, R., **El Microcosmos Lul·lià**, Editorial Moll, Palma (Mallorca), 1962, 31-32.

MARRONI, Paula Carolina Teixeira. **Ramon llull e o livro da ordem de cavalaria: tentativa de Retomada dos ideais da cavalaria cristã**. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/0>.

NUNES. Danielle Werneck e COSTA, Ricardo da. **As funções sociais e políticas do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria(c. 1279-1283) de Ramon Llull (1232-1316)**.

PASTOUREAU, Michel. **No tempo dos cavaleiros da tábua redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RAEYMAEKER, Luís de. **Introdução à filosofia**. São Paulo: EPU, 1973.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: PAULUS ,1990, p. 663

RINGER, Fritz. **Metodologia de Max Weber**. A Unificação das Ciências Culturais e Sociais Vol. 26

STARLING. Bruno Pimenta. **A ética cristã e o ideal cavaleiresco no Livro da Ordem de Cavalaria de Raimundo Lúlio**.

SILVA, Ademir Luiz da. **O ideal cavaleiresco de São Bernardo em A Demanda do Santo Graal**. In: COSTA, Ricardo da (coord.). **As relações entre História e Literatura no Mundo Antigo e Medieval**. 2011

SILVA, Ademir Luiz da. **A Tábua Redonda E A Nova Cavalaria De Raimundo Lúlio**. 2013

SOUZA, Sérgio Alves. **Uma aplicação dos Tipos Ideais Weberianos.** In: LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas.** Disponível em: <http://www.ufpe.br/gepec>. Recife: Universitária, 2006.

SOUZA, Neila Matias de. **Cavalaria, igreja e sociedade na idade média do século XIII.** 2011.

WEBER, Max. **Metodologia Das Ciências Sociais, Parte 1.** 4 edição, Cortez editora, 1973 Página XXVIII